

# JORNAL LABORATÓRIO:

uma análise da aplicação prática de critérios e  
conceitos jornalísticos no jornal *Impressão*

Gabriela Tinoco Vilaça  
Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH)

## Índice

Introdução . . . . .	3
1 Características e Elementos do Jornalismo Impresso . . . . .	5
1.1 Evolução do jornalismo . . . . .	5
1.2 Características e elementos do jornalismo impresso . . . . .	8
1.3 Os processos de construção da notícia . . . . .	12
1.3.1 A seleção da notícia e a rotina de produção da informação . . . . .	13
1.3.2 A construção do texto jornalístico . . . . .	16
2 Ensino de Jornalismo e Jornal Laboratório . . . . .	20
2.1 Desenvolvimento do ensino de jornalismo no Brasil . . . . .	20
2.1.1 Reflexão crítica do ensino do jornalismo . . . . .	22
2.2 Surgimento e importância do jornal laboratório no ensino de jornalismo . . . . .	25
2.3 Características do jornal laboratório . . . . .	28
3 Análise do Jornal Laboratório como Articulador Entre Teoria e Prática . . . . .	33
3.1 O jornal laboratório <i>Impressão</i> . . . . .	33
3.2 Recorte temporal e metodologia de análise . . . . .	34
3.3 Análise Quantitativa . . . . .	35
3.3.1 Gêneros informativos presentes no <i>Impressão</i> . . . . .	35
3.3.2 Os critérios de noticiabilidade no <i>Impressão</i> . . . . .	37
3.3.3 Utilização de fontes no <i>Impressão</i> . . . . .	39
3.4 Análise qualitativa . . . . .	40

---

3.4.1 Características da edição do jornal laboratório . . . . .	40
3.4.2 Análise das capas do Imprensa . . . . .	43
3.4.3 Rotina produtiva do Imprensa . . . . .	45
3.4.4 O Imprensa do ponto de vista de um jornal laboratório .	46
3.4.5 O Imprensa como ferramenta de aplicação prática dos critérios jornalísticos . . . . .	49
Conclusão . . . . .	52
Bibliografia . . . . .	55
Apêndices . . . . .	57
Anexos . . . . .	65

## Introdução

**D**IANTE da crescente exigência do mercado de trabalho para a área de comunicação, o profissional de jornalismo deve estar apto a colocar em prática todas as teorias e conceitos apreendidos em sala de aula, e também deve saber empregar bem os critérios jornalísticos. Para isso, é fundamental que, como aluno, ele possa vivenciar a prática jornalística, não ficando preso apenas à sala de aula. No curso de jornalismo, são os jornais laboratório que acabam desempenhando essa função e ainda fecham o *gap* instituído pela proibição de que alunos de jornalismo pudessem atuar como estagiários, conforme prevê o Decreto 83.284/79, em seu artigo de número 19.

Estudiosos ressaltam que o ponto alto do ensino profissionalizante em jornalismo ocorreu com a Resolução n.º03/78, aprovada pelo Conselho Federal de Educação, que estabelecia a obrigatoriedade de órgãos laboratoriais dentro das faculdades. Desse modo, esses veículos passaram a desempenhar o papel de instrumento didático básico do curso de jornalismo, e, desde então, devem ser utilizados pelos estudantes como forma de articular a teoria apreendida em sala de aula com a prática.

A partir da premissa de que o jornal laboratório tem essa função, as escolas de ensino superior usam-no como um recurso de fundamental importância. Produzido por alunos de diferentes períodos e, conseqüentemente, com diferentes níveis de conhecimento, o jornal laboratório permite o uso das diferentes técnicas apreendidas ao longo da formação para o exercício futuro da profissão. Nesse espaço de aprendizagem, os alunos devem aplicar todos os conceitos jornalísticos.

Sendo assim, é fundamental para o ensino da profissão que as universidades possibilitem ao estudante a vivência prática, no caso do jornalismo impresso, com os jornais laboratórios. Traçado esse panorama, torna-se importante verificar a aplicação dos conceitos jornalísticos nesses veículos e também a eficácia desse tipo de experiência para o aluno. Para tanto, o presente trabalho propõe uma análise do *Impressão*, jornal laboratório do Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH), sob a ótica de sua utilização como prática de ensino e seu papel efetivo no aprendizado da profissão.

Desse modo, esta pesquisa apresenta-se como reflexão sobre a uti-

lização de jornais laboratórios para o ensino prático de jornalismo. Constituem evidências empíricas cinco edições do *Impressão*, de números 176, 177, 178, 179 e 180, de 2008, 2009 e 2010.

Além de analisar a importância do jornal laboratório para o ensino prático de jornalismo, esta problematização também verificou se o jornal laboratório *Impressão* pode ser considerado um instrumento para a aprendizagem da prática e dos critérios jornalísticos. Para isso, fez-se necessário entender o jornal laboratório como meio de aplicação dos conceitos apreendidos em sala de aula, a sua importância e eficácia para a formação do aluno de jornalismo.

Portanto, no primeiro capítulo teórico, buscou-se abordar a evolução do jornalismo impresso, seu surgimento e as transformações pelas quais passaram este veículo de comunicação, além dos seus principais gêneros e elementos; o acontecimento e o processo de seleção da notícia e as rotinas de produção de um jornal. Já o segundo capítulo teórico trata do surgimento e da evolução do ensino de jornalismo no país, suas especificidades e principais críticas, além de contextualizar a criação do jornal laboratório e seus elementos característicos.

No quarto capítulo desse trabalho, são analisadas as características e o conteúdo das matérias do *Impressão* sob a ótica da prática jornalística, a presença dos critérios de noticiabilidade, além da rotina e estrutura de produção do jornal. Além disso, a presente pesquisa teve como objetivos analisar o *Impressão* a partir dos preceitos do jornalismo laboratorial e estabelecer um vínculo entre jornal laboratório e formação do aluno, verificando, para tanto, a eficácia da prática laboratorial para a formação profissional. Assim, foram feitas análises quantitativas e qualitativas, além de entrevista e aplicação de questionários a alunos e ex-alunos do Uni-BH.

Por fim, a conclusão apresenta uma síntese do que foi observado sobre o papel do jornal laboratório *Impressão* como ferramenta na aprendizagem dos critérios jornalísticos apreendidos pelos estudantes em sala de aula.

## 1 Características e Elementos do Jornalismo Impresso

O objetivo desta pesquisa é analisar o jornal laboratório *Impressão*, publicado pelo Centro Universitário de Belo Horizonte. Para tanto, é importante entender a evolução do jornalismo impresso, suas características e estruturas. Este capítulo aborda o surgimento e as transformações pelas quais passaram este veículo de comunicação; seus principais gêneros e elementos; o acontecimento e o processo de seleção da notícia e as rotinas de produção de um jornal. Os principais autores utilizados são Marcondes Filho, Rodrigues, Erbolato e Kovach e Rosenstiel.

### 1.1 Evolução do jornalismo

Desde os seus primórdios, o jornalismo tem como função básica lidar com informações e dados factuais e transformá-los em notícias, em conhecimento para o cidadão. Daí a importância da profissão e sua relevância como atividade fundamental para a construção da cidadania. A própria história do jornalismo vem provar o seu papel social e sua ligação com os direitos humanos. Marcondes Filho (2000) ressalta que o jornalismo é a síntese do espírito moderno, uma vez que é “a razão (a “verdade”, a transparência) impondo-se diante da tradição obscurantista, o questionamento de todas as autoridades, a crítica da política e a confiança irrestrita no progresso, no aperfeiçoamento contínuo da espécie” (MARCONDES FILHO, 2000, p.9).

A história do jornalismo está intrinsecamente ligada à Revolução Francesa, na qual teve papel fundamental na luta pelos direitos humanos, destituição da aristocracia e o fim das monarquias. Ele também se associa à desconstrução do poder da Igreja e da Universidade, já que os jornais universalizavam o direito ao saber. Desse modo, percebe-se que a primeira fase do jornalismo, denominada de “Primeiro jornalismo” por Marcondes Filho (2000), “é a época de ebulição do jornalismo político literário, em que as páginas impressas funcionam como caixa acústica de ressonância, programas político-partidários, plataformas de políticos, de todas as idéias” (MARCONDES FILHO, 2000, p.11).

Nessa mesma época, que vai de 1789 à primeira metade do século XIX, o jornal se profissionaliza. A redação passa a ser uma parte es-

pecífica, as funções são delegadas à determinados cargos, como o de editor e de diretor, que possuem tarefas diferentes, e impõe-se a autonomia redacional. Apesar de prevalecerem os jornais eruditos e as revistas moralistas, o jornalismo vai, aos poucos, se transformando em uma força política autônoma, ao invés de apenas um instrumento dos políticos. Segundo Marcondes Filho (2000), os fins econômicos estão em segundo plano, enquanto os pedagógicos e de formação política são prioridade.

Nas primeiras décadas de 1800, apareciam as primeiras conseqüências das revoluções burguesas que explodiram em vários países.

Enquanto a imprensa popular ganhava as ruas, estimulando as campanhas operárias, as lutas socialistas, as conquistas sociais, os donos das empresas jornalísticas já estavam dando seu “pulo do gato”. A atividade que se iniciara com as discussões político-literárias aquecidas, emocionais, relativamente anárquicas, começava agora a se constituir como grande empresa capitalista: todo o romantismo da primeira fase será substituído por uma máquina de produção de notícias e de lucros com os jornais populares e sensacionalistas (MARCONDES FILHO, 2000, p.13).

A partir de 1800, o Estado, em alguns países, passa a ser o responsável pela transmissão da informação à sociedade. Porém, essa informação era ainda educacional, científica e profissional, ou seja, era o conhecimento ensinado por escolas e faculdades. “Ao lado dela, surge – no seio da sociedade – o conhecimento das questões políticas, econômicas e sociais que se torna assunto das discussões abertas entre as pessoas do povo: trata-se do conceito de *esfera pública*” (MARCONDES FILHO, 2000, p.17). A esfera pública dizia respeito àqueles ambientes onde havia discussão democrática, geralmente em locais abertos, como cafés, auditórios e salas. Já a opinião pública era a síntese das posições, preferências e opiniões oriundas da esfera pública em um determinado momento.

Assim sendo, na metade do século XIX, devido à inovação tecnológica nos processos de produção do jornal, surge o chamado “Segundo jornalismo”, que caracteriza o jornal como grande empresa capitalista. Essa inovação foi responsável por transformar o jornalismo, antes uma

atividade livre de pensamento e política, em outro, que precisa vender para se manter. Essa transformação é gradual e começa em meados de 1830 na Inglaterra, nos Estados Unidos e na França, terminando em 1875. A principal mudança do Segundo jornalismo é a de que “seu *valor de troca* – a venda de espaços publicitários para assegurar a sustentação e a sobrevivência econômica – passa a ser prioritário em relação ao seu *valor de uso*, a parte puramente redacional-noticiosa dos jornais” (MARCONDES FILHO, 2000, p.14). Surge assim a chamada imprensa de massa, na qual se valoriza mais o entretenimento, em detrimento da liberdade de expressão e das funções políticas do jornal.

As empresas jornalísticas se desenvolvem, e, no século XX, tem início o “Terceiro jornalismo”, o de monopólios. No final desse mesmo século, surge a indústria publicitária e de relações públicas, que vão descaracterizar o jornalismo e competir com o mesmo. O fim da modernidade e o processo de desencanto desencadeado por esse fim causam o desaparecimento da política como embate, como confrontação radical. O jornalismo é substituído por processos que são menos engajados.

A indústria publicitária e de relações públicas surge nessa época, logo após a Grande Depressão, como forma de reação a crises como a anterior. Essas novas formas de comunicação vão descaracterizar a busca do jornalista por uma sociedade mais humana. Surge então o mito da transparência e o conceito de objetividade, que, “Na perspectiva de Kant, seria uma *representação correta da realidade*” (MARCONDES FILHO, 2000, p.110). O jornalismo armou-se então dessa concepção para tentar vencer a oposição então existente entre as novas formas de comunicação, menos engajadas.

O “Quarto jornalismo” é também o último, e se inicia nos anos 70, final do século XX. Esse período caracteriza-se pela enxurrada de materiais fornecidos por assessorias de imprensa e agentes empresariais, que acaba por se confundir com a informação jornalística. Essa é a fase tecnológica do jornalismo, na qual o agente humano é substituído por sistemas eletrônicos, redes, interatividade e fontes tecnológicas.

De acordo com Marcondes Filho (2000), há um paradoxo no quarto jornalismo, pois

quanto mais se tem acesso ao número cada vez maior de informações pelas tecnologias comunicacionais, pela Inter-

net, pelos CD-ROMs, pelos múltiplos canais de divulgação científica, tanto mais flagrante se torna o desnível do jornalista, tanto mais clara é a exposição de sua ignorância. (MARCONDES FILHO, 2000, p.64).

Ainda segundo Marcondes Filho, os donos de jornais culpam as escolas de jornalismo pela má qualidade dos profissionais que chegam ao mercado.

Com a desculpa de que as escolas não formam os “bons profissionais” e que só “dão teoria”, iniciam adestramentos intensivos no estilo e formato de seu jornal ou revista, estreitando ainda mais o campo de conhecimento dos iniciantes. (MARCONDES FILHO, 2000, p.65).

Essa ainda é uma posição defendida por muitos estudiosos, que discutem a reformulação do ensino de jornalismo nas escolas de comunicação, para uma maior articulação entre teoria e prática<sup>1</sup>.

## 1.2 Características e elementos do jornalismo impresso

Erbolato (2008) aponta que são muitos os veículos que levam a *notícia* ao público. Os jornais impressos detiveram o monopólio da informação até o fim da Primeira Guerra Mundial, quando surgiu o rádio nos Estados Unidos. Em seguida, surge também a televisão. Ao final do século XX, a popularização da internet torna a divulgação da informação mais dinâmica e lança novos desafios para a profissão. O jornalismo impresso, antes preocupado apenas em informar, passa então a ter que interpretar e avaliar as notícias.

Apesar das vantagens da televisão, como, por exemplo, o fato de atingir camadas mais vastas da população, não exigir esforço do telespectador e exibir imagens, sons e textos sobre um fato ou flagrante, os jornais impressos também possuem atrativos. Um deles, por exemplo, é a possibilidade que eles têm de aumentar o seu número de páginas caso seja necessário, permitindo o aprofundamento desejado pelo veículo em

<sup>1</sup>Esse assunto será discutido no tópico 2.1.1.

cada matéria. A televisão e o rádio, além de não poderem estender o tempo do noticiário de acordo com seus desejos, “não podem competir em profundidade, colorido, dramaticidade e na busca de antecedentes de um fato com qualquer boa reportagem escrita” (ERBOLATO, 2008, p.30).

Outra característica que conta pontos a favor do jornalismo impresso é a sua capacidade de documentação, já que o jornal permite a consulta permanente. Além dessa, os impressos detalham mais a notícia, contando seus pormenores, o que dificilmente acontece na televisão e no rádio. É o chamado jornalismo interpretativo, que conta os antecedentes de um fato, o seu contexto social e as suas conseqüências, dando sentido e significado aos fatos que relata.

Para Erbolato (2008), a primeira tarefa do profissional é *saber o que deve publicar*, isto é, saber selecionar o que vale a pena ser divulgado entre tantas notícias que chegam à redação. Em seguida, o texto deve ser editado, para que seja de fácil leitura e compreensão.

Porém, se a matéria-prima primordial para o jornalista é o acontecimento, que é então transformado no produto notícia, como escolhê-la? A seleção dos fatos que vão entrar no jornal, segundo Sousa (2005), depende de uma série de fatores. Além da escolha subjetiva, que é muitas vezes inevitável, existem os critérios de noticiabilidade<sup>2</sup>, que são aplicados pelo jornalista, conscientemente ou não, na hora da decisão.

Erbolato (2008) argumenta que, muitas vezes, a notícia que chega à redação não possui elementos suficientes. Desse modo, para complementá-la e explicá-la, “é praxe, na imprensa, recorrer, quando possível, ao que já foi publicado, para fazer um retrospecto ou apanhado dos antecedentes de um acontecimento” (ERBOLATO, 2008, p.84). Assim, o arquivo também faz parte da dinâmica de trabalho do jornalismo impresso, como mais uma alternativa para o profissional e para o leitor, que fica mais bem informado.

Além da notícia, são considerados gêneros informativos a nota, reportagem e entrevista. O primeiro é aquele no qual a notícia é dada de forma bem resumida. É utilizado, normalmente, para falar sobre algum assunto que é noticioso, mas que pode ser resumido apenas com as informações básicas do lead (O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por que?). Já a reportagem tem como principal objetivo “informar com

---

<sup>2</sup>Os critérios de noticiabilidade serão detalhados no tópico 1.3.

profundidade e exaustividade, contando uma história” (SOUSA, 2005, p.259). Esse gênero pode abrigar elementos da entrevista, da notícia, da crônica, dos artigos de opinião e de análise, entre outros. Por fim, a entrevista, segundo Sousa (2005), só é considerada um gênero jornalístico quando está isolada no veículo ou é parte relevante de outra peça jornalística, como uma reportagem. “A entrevista, enquanto gênero jornalístico, corresponde à transposição das perguntas e respostas feitas durante a entrevista, enquanto técnica de obtenção de informações, para um determinado modelo de enunciação” (SOUSA, 2005, p.235).

Os gêneros opinativos, que explicitam um juízo de valor e um julgamento visam a influenciar o público e contribuir para um debate de ideias. Sousa (2005) afirma que esse tipo de texto é menos comum do que o descritivo e o analítico, já que os jornalistas tendem a separar opinião da informação. Esse gênero ficaria, portanto, a cargo dos colunistas e especialistas.

Outro importante elemento para o jornalismo, segundo Sousa (2005), são as fontes de informação, que possuem dados que podem ser utilizados pelo jornalista. Elas podem ser documentais, eletrônicas e humanas.

As fontes de informação são um capital imprescindível do jornalismo e dos jornalistas. Não existiria investigação jornalística sem fontes de informação. Mais: grande parte da informação jornalística não existiria sem fontes de informação. (SOUSA, 2005, p.63)

Porém, ainda de acordo com Sousa (2005), é dever do jornalista saber selecionar não só as informações coerentes transmitidas por essas fontes, como também as próprias fontes. Ainda que a fonte seja confiável, a informação por ela dada deve ser verificada. Uma boa fonte deve ter representatividade (ou seja, quanto mais pessoas ela representar melhor), credibilidade e autoridade.

Além desses elementos objetivos, existem ainda outros que permeiam a rotina produtiva dos jornalistas e que estão ligados ao código de ética da profissão. Para Kovach e Rosenstiel (2004), a primeira obrigação do jornalismo é com a verdade. Entretanto, “no começo do século XX, os jornalistas já percebiam que realismo e realidade – ou precisão e verdade – não eram tão facilmente equacionáveis” (KOVACH

& ROSENSTIEL, 2004, p.64). Por várias razões, entre elas a subjetividade do jornalista, a própria existência da verdade e a noção incerta que os profissionais possuem sobre o que querem dizer com veracidade, muitas vezes os jornalistas falham na busca por essa verdade, tornando-se passivos. Apesar da dificuldade, de acordo com Kovach e Rosenstiel (2004), a veracidade ainda é uma das crenças perseguidas pelo jornalismo.

O segundo elemento ético do jornalismo diz respeito à lealdade que o jornalista deve ter com o cidadão.

É um acordo implícito com o público que garante aos leitores que as críticas de filmes são honestas, as críticas de restaurantes não sofrem influência dos anunciantes, a cobertura em geral não reflete interesses particulares, nem é feita para agradar amigos da casa. (...) É dessa maneira que nós, cidadãos, acreditamos numa empresa jornalística. É essa a fonte de sua credibilidade. (KOVACH & ROSENSTIEL, 2004, p.83).

A verificação é outro princípio a ser seguido pelo jornalista. Porém, segundo Kovach e Rosenstiel (2004), o advento da internet enfraqueceu essa metodologia, que é necessária à ética jornalística.

Para Sousa (2005), a redação de um jornal é o seu coração, uma vez que é dela que saem as notícias. A redação é um ambiente dividido, pois as pessoas que ali trabalham estão separadas de acordo com suas funções. O diretor é aquele que coordena a publicação no seu conjunto e a política editorial da empresa. Já o chefe de redação é o jornalista “que coordena o trabalho redactorial e a fluidez comunicativa no seio da redacção, sob a supracoordenação do director” (SOUSA, 2005, p.53). Ele também tem a competência de decidir o espaço a ser dado às diferentes editorias.

Os editores são os jornalistas responsáveis por editorias específicas dentro da redação. Eles têm a função de supervisionar a produção das reportagens, notícias e notas incluídas nas páginas de sua editoria, decidindo sobre a publicação ou não dos textos. Além deles, estão presentes na redação os repórteres e os redatores, que elaboram os textos que serão veiculados no jornal.

### 1.3 Os processos de construção da notícia

Se é dever do jornalista saber selecionar os fatos que são passíveis de virar notícia, torna-se fundamental que o profissional saiba o que são fato e acontecimento jornalístico. Rodrigues (1999) afirma que “em função da maior ou menor previsibilidade que um fato adquire o estatuto de acontecimento pertinente do ponto de vista jornalístico: quanto menos previsível for, mais probabilidades tem de se tornar notícia e de integrar assim o discurso jornalístico” (RODRIGUES, 1999, p.27). Daí conclui-se que o acontecimento jornalístico é um fato especial, inusitado, e, por isso, suscetível de se tornar notícia.

Por sua vez, Traquina (1999) ressalta que, apesar de o propósito de qualquer órgão de informação (fornecer relatos de acontecimentos julgados interessantes) pareça claro, ele é um objetivo incrivelmente complexo.

Os jornalistas não são simplesmente observadores passivos, mas participantes activos no processo de construção da realidade. E as notícias não podem ser vistas como emergindo naturalmente dos acontecimentos do mundo real; as notícias *acontecem* na conjunção de acontecimentos e de textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia também cria o acontecimento (TRAQUINA, 1999, p.168).

Um dos fatores que pode fazer com que o acontecimento ou fato vire notícia é o *excesso*, isto é, quando há funcionamento anormal da norma. Rodrigues (1999) exemplifica que o massacre de uma aldeia por tropas é um acontecimento no qual o excesso é fundamental para a sua transformação em notícia. A *falha* também constitui fator jornalístico: catástrofes naturais, acidentes no trânsito e até mesmo problemas no organismo humano, quando não esperados (como, por exemplo, em um corpo jovem e são), são exemplos de casos em que a falha os torna notícia. E, por fim, outro registro de notabilidade é a *inversão*, que é quando há uma anástrofe do funcionamento lógico de algo. Rodrigues (1999) cita o clássico exemplo do homem que morde o cão. Desses exemplos, infere-se que

A notícia é no mundo moderno o negativo da racionalidade, no sentido fotográfico desse termo. O racional é da ordem do previsível, da sucessão monótona das causas, regida

por regularidades e leis; o acontecimento é imprevisível, irrompe acidentalmente à superfície epidérmica dos corpos como reflexo inesperado, como efeito sem causa (RODRIGUES, 1999, p.29).

Rodrigues (1999) afirma, no entanto, que esses fatores de notabilidade dos fatos não esgotam o tipo de acontecimento notáveis. De acordo com o autor, existem ainda os meta-acontecimentos, que são provocados pela própria existência do discurso jornalístico. A explosão de raiva ou de dor causada frente à câmara, por exemplo, é um tipo de meta-acontecimento.

### **1.3.1 A seleção da notícia e a rotina de produção da informação**

Quando o leitor confere uma notícia no jornal, acredita que ela é o relato fiel daquele acontecimento que está ali detalhado. É devido a um acordo de cavalheiros entre leitores e jornalistas que a leitura das notícias é realizada dessa maneira, isto é, o leitor acredita que os profissionais da área jamais vão transgredir a fronteira existente entre o real e a ficção. Entretanto, mesmo que sejam índices do real, Traquina (1999) ressalta que as notícias refletem as narrativas utilizadas pelos jornalistas para organizar o acontecimento, além da seleção, exclusão e ênfase de diferentes aspectos do mesmo. Por isso, a notícia, criando o acontecimento, também é responsável pela construção da realidade.

Sousa (2005) reforça que a seleção das notícias é a pedra angular do processo jornalístico, já que o jornal não pode se transformar em um recorte não criterioso cheio de notícias.

A escolha dos acontecimentos e demais assuntos a abordar por um jornal (construção da agenda) é dos assuntos mais debatidos entre os agentes interessados na cobertura noticiosa. Por isso, também é dos mais estudados. A necessidade de se fazerem escolhas torna o jornalismo permeável a críticas. Mas valorizar, hierarquizar e seleccionar são actividades inerentes ao jornalismo. (SOUSA, 2005, p.38).

Desse modo, para que a escolha dos acontecimentos a serem transformados em notícias não seja completamente subjetiva, existem me-

canismos para facilitar a seleção dos mesmos, entre eles, estão os critérios de noticiabilidade. “Eles funcionam conjuntamente em todo o processo de fabrico e difusão das notícias e dependem da forma de operar da organização noticiosa, da sua hierarquia interna e da maneira como ela confere ordem ao aparente caos da realidade” (SOUSA, 2005, p.39).

Para Wolf (2002), a noticiabilidade corresponde ao

conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de factos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias (WOLF, 2002, p.190).

Entre os critérios apontados por Sousa (2005), estão a proximidade (quanto mais próximo acontece um evento, mais chances ele tem de virar notícia), o momento do acontecimento (quanto mais recente, mais noticiável), significância (quanto mais pessoas esse evento atingir ou quanto maior for a sua dimensão, mais chances de se tornar notícia), proeminência social dos envolvidos, proeminência das nações envolvidas, consonância (quanto mais agendável esse acontecimento for, maior a probabilidade ser noticiado), imprevisibilidade, continuidade (desenvolvimento de algo já noticiado), composição e negatividade.

Porém, Wolf (2002) assevera que os fatores determinantes da noticiabilidade dos acontecimentos permitem que a rotina informativa seja efetuada, mas, em contrapartida, também dificultam o aprofundamento e a compreensão de muitos aspectos importantes dos fatos que viraram notícias.

Desse modo, pode-se definir os valores/notícias como uma componente da noticiabilidade. Esses valores derivam de considerações relativas, como o conteúdo das notícias, a disponibilidade do material, o público do veículo e a sua concorrência. Esses valores/notícias podem ser utilizados de formas diferentes; primeiramente, como seleção dos elementos passíveis de virarem notícia, e, em segundo lugar, como guias para o jornalista, sugerindo o que deve ser realçado, omitido, excluído e priorizado na construção da notícia.

Assim, os valores/notícias servem para rotinizar a tarefa de seleção dos fatos que surgem na redação, de forma a torná-la mais simples e

exequível. Segundo Wolf (2002), eles derivam de diversos pressupostos, entre eles a importância e o interesse da notícia, o que, por sua vez, envolve o grau e o nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento, o impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional, a proximidade, a quantidade de pessoas envolvidas pelo acontecimento (de fato ou potencialmente), a relevância e a significatividade do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação. Além disso, o interesse da notícia também está relacionado à capacidade de entretenimento da mesma.

Ainda de acordo com Wolf (2002), é preciso analisar a disponibilidade desse acontecimento, isto é, o quão tratável ele é, se é fácil de ser coberto pelos jornalistas, se requer muitos gastos, entre outros. A brevidade é outro elemento importante, já que a notícia deve tratar o essencial e ser curta para atrair atenção. Além disso, esse tamanho faz com que seja possível cobrir mais notícias. A atualidade do acontecimento é determinante, assim como o equilíbrio da mesma no conjunto de todo o noticiário do dia. Por fim, existem critérios relativos ao público, que se referem ao papel que a imagem dos jornalistas a respeito do público desempenha sobre a notícia.

A importância dos valores/notícia é acentuada pelas *routines* produtivas, uma vez que a comum escassez de tempo e de meios faz com que eles sejam cada vez mais necessários. O processo de produção jornalística, portanto, compõe-se de três partes: a recolha, a seleção e a apresentação das notícias.

A recolha do material, fundamental para a construção da notícia, é diretamente influenciada pela necessidade de fontes credíveis e de um fluxo constante de notícias. “As fontes são um fator determinante para a qualidade da informação produzida pelos *mass media*” (WOLF, 2002, p.222). Outro instrumento importante durante essa fase é a agenda de serviço, na qual o jornalista possui uma série de fatos previstos e cuja noticiabilidade é dada como certa.

Esta, por sua vez, é construída ao longo do tempo, em função das informações que chegam à redação (processo de *agenda-building*), que são avaliadas e filtradas pela Secretaria de Redação, pela Chefia de Redação e pelos editores, sob a supra-coordenação da Direção do jornal. (SOUSA, 2005, p.59).

Em seguida, ocorre a seleção das notícias, processo que pode ser comparado “a um funil dentro do qual se colocam inúmeros dados de que apenas um número restrito consegue ser filtrado” (WOLF, 2002, p.242). De fato, o fluxo de notícias que chega à redação é controlado pelo chamado *gatekeeper*, que é o indivíduo ou grupo que tem o poder de selecionar a informação, que passa ou que “segue” para o jornalista. Segundo Wolf (2002), o contexto organizativo e burocrático da empresa jornalística exerce influência decisiva nas escolhas do *gatekeeper*.

A terceira fase é a de apresentação das notícias, que inclui a edição das mesmas. Nessa fase, o jornalista precisa eliminar os efeitos das limitações que ocorrem durante todo o processo de produção jornalística. A edição, por sua vez, tem a função de tornar a notícia sintética, coerente e significativa.

Destas fases, quase nada transparece no produto informativo acabado: as várias restrições que vão influenciando a escolha das notícias são eliminadas por uma apresentação que, intencionalmente, é dada como «simples» relato do que aconteceu no mundo nas últimas vinte e quatro horas (WOLF, 2002, p.243).

Sousa (2005) afirma que, durante todo o processo, o profissional do jornalismo deve ter o compromisso com a ética, com a verdade e com a honestidade. Por isso, a redação jornalística é fundamental.

### **1.3.2 A construção do texto jornalístico**

O texto jornalístico destina-se, primeiramente e principalmente, a manter os leitores informados. Essa função, ressalta Sousa (2005), acaba por restringir as formas de enunciação possíveis e por impor determinados princípios ao texto. São eles: princípio da correção (obediência às regras gramaticais e ajuste á realidade), da clareza (não pode ser ambíguo e nem gerar dúvidas), da simplicidade, da funcionalidade (o texto tem que se adaptar ao veículo), da concisão, da precisão, da sedução (tem que ter uma leitura agradável), do rigor, da eficácia, da coordenação (texto tem que ter ordem, lógica), seletividade, utilidade, interesse e hierarquização (as informações dentro do texto precisam estar bem distribuídas/organizadas).

Para construir a notícia, o jornalista precisa realizar entrevistas com fontes oficiais, personagens, entre outros. “A entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão das consultas às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição dos fatos” (LAGE, 2006, p.73).

Além disso, o profissional deve realizar pesquisas, não se limitando a utilizar informações dadas pelas fontes. De acordo com Lage (2006), a pesquisa torna o jornalismo melhor.

A última das grandes dificuldades resulta do próprio processo de produção da informação jornalística. O jornalista é um sujeito que trabalha obedecendo a pautas e prazos; Pesquisa exige tempo e tem resultados incertos (LAGE, 2006, p.135).

Já Sodré (1986) ressalta que a notícia possui diferenças em relação à reportagem, que vão além da extensão e abrangência. Segundo o autor, noticiar é o ato de anunciar determinado fato, o que depende diretamente do interesse que ele vai despertar e da sua atualidade. Já a reportagem não tem o mesmo caráter de imediatismo e detalha e aprofunda a notícia, contextualizando-a.

Com relação ao texto da notícia, o título é uma das partes finais no processo de redação. Sousa (2005) avalia que estes devem ser informativos e têm a função de sintetizar a informação em uma frase curta e sedutora. Os títulos funcionam como a porta de entrada para o leitor na matéria. Deve-se evitar, sempre que possível, títulos interrogativos e genéricos. Sousa ressalta ainda que essa parte do texto deve ser feita por último, apenas quanto todo o conteúdo da matéria estiver redigido, e deve conter o máximo de informação em um mínimo de palavras. E, o mais importante: o título não deve jamais enunciar algo que não está contido no texto.

Em reportagens, segundo Sousa (2005), o título pode ser mais livre do que em notícias. Entretanto, seu tom deve sempre respeitar o do texto, isto é, se for um texto sério, assim deve ser o título. Dele, o leitor passa ao *lead*, que é o primeiro parágrafo de uma notícia ou reportagem. De acordo com Sousa (2005), o *lead* responde às perguntas “Quem?” “O quê?” “Quando?” “Onde?” e “Porquê?”.

[...] o *lead* é o parágrafo que lidera e orienta, o parágrafo que sugere e indica. Isto significa que o *lead* é, em primeiro lugar, o parágrafo que introduz o tema da peça e, em segundo lugar, o parágrafo que dá o tom ao resto da peça (...) (SOUSA, 2005, p.221).

Já segundo Cotta (2005), uma das informações principais que o jornalista precisa saber para construir a notícia é a de que o texto jornalístico precisa ser conciso. Isto é, o ideal é empregar o menor número de palavras, mas que sejam as palavras mais adequadas. A abertura – ou o *lead* – deve agarrar o leitor, já que é a parte mais importante da matéria jornalística, e conter as seguintes respostas: o quê, quem, onde, quando, como e por quê. As palavras devem ser claras, e, de preferência, curtas. Portanto, o texto do repórter exige muito cuidado com o uso das palavras e frases.

O texto jornalístico sempre desperta no leitor diversos significados, estimulando pensamentos e dando sentido e rota aos acontecimentos, através daquilo que o jornalista escreve ou fala. (...) O domínio da palavra correta e a exatidão em mostrar as coisas fazem do jornalista um profissional influente na consciência crítica e social de uma comunidade. (COTTA, 2005, p. 20).

Portanto, para persuadir o leitor a interagir na atribuição de significados aos acontecimentos diários, o jornalista precisa fazer o relato com clareza, veracidade e precisão. E, de acordo com Lopes (2006), é o editor quem tem o poder, a competência e a responsabilidade de decidir quais serão as publicações e como elas devem ser.

A mais difícil e estimulante tarefa do editor é a de, ao organizar o discurso jornalístico, balizar pelas razões do interesse público o relato dessa atualidade animada pelos interesses particulares, nos quais se incluem os próprios interesses do jornal enquanto negócio e pólo de poder. (LOPES, 2006, p.13)

O editor tem o dever de praticar e exigir um jornalismo que investigue para poder comprovar, segundo Lopes (2006). Dessa maneira, o

autor afirma que é o interesse público o balizador das ações do editor, já que ele é o responsável por atribuir ao editor a responsabilidade moral pelo que divulga e os efeitos do que publica. “É o interesse público que pressupõe no editor, como em todos os jornalistas, a virtude e a eficácia de produzir veracidade” (LOPES, 2006, p.14).

Lopes (2006) assegura, porém, que a tarefa do editor não é simples, uma vez que ele está sob constante pressão e tem a tarefa de tomar decisões que produzem efeitos concretos em um contexto real de interesses legítimos. Ainda de acordo com Lopes (2006), o editor tem o dever de otimizar resultados, tanto lucros quanto a qualidade jornalística. Dessa forma, ele precisa ter um olhar para a lógica do consumo e o outro para a cultura e para o seu compromisso com o aperfeiçoamento da sociedade.

## 2 Ensino de Jornalismo e Jornal Laboratório

Os jornais laboratórios foram criados para dinamizar o ensino de jornalismo no Brasil. Para entender este processo, este capítulo aborda o surgimento e a evolução do ensino de jornalismo no país, suas características, especificidades e principais críticas; o jornal laboratório e seus elementos característicos. Para compor este capítulo teórico, foram utilizados os autores Petrarca, Melo, Lopes e outros.

### 2.1 Desenvolvimento do ensino de jornalismo no Brasil

A fim de abordar o papel e a importância que os jornais laboratório adquiriram na formação do profissional em jornalismo, é preciso compreender como se deu o surgimento e a evolução do ensino nos cursos de jornalismo no Brasil. Em novembro de 1937, o então presidente Getúlio Vargas instituiu, no Brasil, o Estado Novo, que durou até 1945 e impôs regime ditatorial ao país. De acordo com Petrarca (2009), o projeto de Getúlio “tinha como objetivo “organizar” tanto a sociedade, de um modo geral, quanto um conjunto de atores que desempenhavam atividades profissionais como médicos, escritores, advogados e jornalistas” (PETRARCA, 2009). O presidente pretendia regulamentar as profissões, as leis trabalhistas e também sindicais. Desse modo, em 1938, o jornalismo é, pela primeira vez, regulamentado.

Nesse contexto, na década de 1940, começam a surgir as primeiras faculdades de jornalismo. Em 16 de maio de 1947, passa a funcionar o Curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero (SP), vinculada ao jornal “A Gazeta”. A Associação Brasileira de Imprensa e a Associação dos Profissionais de Imprensa de São Paulo já haviam feito tentativas de criação de cursos de jornalismo, mas foi apenas em dezembro de 1946, que Ernesto de Souza Campos, ministro da Educação e da Saúde, publicou o decreto 22.245, que regulamentava o decreto-lei nº 5480, que instituiu o curso de jornalismo no sistema de ensino superior do Brasil. O decreto 22.245, portanto, criava as condições legais para a instalação e funcionamento desses cursos no país. “Os cursos de jornalismo surgidos nesse período pretendiam formar uma *elite cultural* capaz de contribuir para construção da política brasileira” (PETRARCA, 2009, p.6).

Melo (1972) divide o desenvolvimento do ensino de jornalismo no Brasil em quatro momentos: ético-social, técnico-editorial, político-ideológico e crítico-profissional. No primeiro momento, segundo Melo (1972), os cursos davam ênfase ao conhecimento filosófico. Lopes (1989) também contextualiza o surgimento das faculdades de jornalismo no país como sendo cursos integrados às faculdades de Filosofia, o que fazia com que a formação dos futuros profissionais fosse excessivamente teórica e humanista. “Preparavam-se homens de letras, eruditos e estilistas da pena no lugar de homens de imprensa” (LOPES, 1989, p.31). Essa fase coincide com o fim do Estado Novo, período ditatorial no Brasil, e, portanto, com um processo de redemocratização do país, o que também explica a ênfase a aspectos éticos e filosóficos no jornalismo.

Em um segundo momento, Melo (1972) enfatiza que, em 31 de março de 1964, com a instalação do poder ditatorial, a volta da censura, do controle das atividades intelectuais, das dificuldades no exercício da liberdade de imprensa e com a importação de tecnologias para a imprensa, surge uma preocupação com a prática jornalística e com a técnica, o que caracteriza a segunda fase do curso de jornalismo no país. Ainda durante esse segundo momento, em 1969, estabeleceu-se, com o decreto 972 de 17 de outubro, que a profissão de jornalismo só podia ser exercida por pessoas diplomadas na profissão. Esse fato foi determinante para o crescimento do número de escolas de jornalismo no Brasil.

Em 13 de maio de 1973, entra em vigor o Decreto 83.284/79, que dá nova regulamentação ao Decreto-Lei n.º 972, de 17 de outubro de 1969, que dispõe sobre o exercício da profissão de jornalista, em decorrência das alterações introduzidas pela Lei n.º 6.612, de 7 de dezembro de 1978. No artigo 19 do novo decreto, fica estipulado que: “Constitui fraude a prestação de serviços profissionais gratuitos, ou com pagamentos simbólicos, sob pretexto de estágio, bolsa de estudo, bolsa de complementação, convênio ou qualquer outra modalidade, em desrespeito à legislação trabalhista e a este regulamento”. Trata-se, portanto, de proibir o aprendizado prático, por meio de estágio, nas redações do país.

A terceira fase, para Melo (1972), ocorre devido à vitória da oposição nas eleições do parlamento em 1974. A partir daí, há novamente

o abrandamento da censura à imprensa e surgem os primeiros cursos de pós-graduação em jornalismo. Surgem, ainda, movimentos sócio-culturais, devido à abertura política. A demanda por profissionais pelos inúmeros veículos impressos então existentes no Brasil era crescente, o que incentivou a criação de novos cursos.

Entretanto, a abertura política também abriu espaço para o questionamento de muitas conquistas, entre elas, a regulamentação do jornalismo. Os próprios donos de jornais, segundo Melo (1972), iniciaram uma campanha contra os cursos de jornalismo, alegando que eles não dispunham de boa infra-estrutura para formar profissionais preparados para o mercado de trabalho. Em meio à confusão, o Conselho Federal de Educação resolve defender outra posição: a melhoria das escolas de comunicação e jornalismo, que deveria, claro, ser feita pelas próprias universidades. É exatamente aí que começa a última fase do ensino de jornalismo no país, segundo Melo (1972). O caráter crítico-profissional começa, portanto, com os debates entre professores e estudantes sobre como melhorar os seus cursos.

A partir daí, a preocupação com a profissionalização dos jornalistas é ainda maior, e os cursos de jornalismo não param de crescer no país. Segundo o Censo do Ensino Superior, divulgado em 2007 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), existem 546 cursos de jornalismo em funcionamento no país, com mais de 113 mil vagas. Em 2003, eram 443.

### **2.1.1 Reflexão crítica do ensino do jornalismo**

Segundo Melo (1967), as faculdades de jornalismo têm como funções primordiais: a) formar bons profissionais através de aulas de conteúdo tanto teórico quanto prático; b) promover e desenvolver investigações e análises sobre os meios de comunicação; c) ser um espaço renovador e implementador dos processos jornalísticos de modo a servir de laboratório às novas experiências de conteúdo e redação de matérias.

Entretanto, desde os primórdios do surgimento dos cursos de jornalismo no Brasil, professores e pesquisadores da área promovem debates sobre a necessidade de integração entre conhecimento acadêmico e prática jornalística. Vencer a dicotomia teórico-prática é, portanto,

desafio para os professos e escolas de jornalismo e que não cabe apenas às disciplinas técnicas.

Adam (2001) ressalta que a cultura acadêmica, com tradições de estudos dispersos por áreas isoladas, não propicia a criação de currículos adequados a uma área como o jornalismo. Para ele, a prática deve ser informada pela teoria, isto é, o exercício profissional deve se basear em formas de pensamento e reflexão que, por sua vez, devem ser estimuladas através de uma integração única entre conteúdos práticos e teóricos.

No início da implantação dos cursos de jornalismo no país, enfatizava-se, segundo Melo (1972), disciplinas ligadas à filosofia, o que tornava o ensino mais discursivo e voltado à formação humanística. Segundo Kimura (2006), o motivo para a ênfase devia-se à imensa organização e estrutura material e estrutural exigida por um curso com ênfase prática.

Atualmente, apesar da exigência de estrutura necessária à produção de jornal impresso, é necessário, ainda, que as faculdades de jornalismo tenham estúdios de rádio, TV e laboratórios equipados para a produção de conteúdo para a internet. Porém, muitas escolas ainda veem os órgãos laboratoriais como uma ferramenta sem maior importância.

Para Meditsch (1999),

No jornalismo, costuma-se dizer que a verdade é a primeira vítima de qualquer guerra. Em nossa área acadêmica, por analogia, pode-se afirmar que esta vítima foi o contato com a realidade: a ruptura da teoria com a prática, com a perda do objeto de estudo da comunicação social. (MEDITSCH, 1999, p.1)

Ainda é patente que os cursos de jornalismo no Brasil estão carentes de um currículo ou de melhor direcionamento no que tange à integração de teoria e prática na sua formação. Outra discussão diz respeito a superlotação ocupacional de escolas superiores que oferecem o curso de jornalismo sem uma análise criteriosa. O enorme número de faculdades de comunicação torna o número de profissionais formados maior do que a capacidade de absorção do mercado, o que, conseqüentemente, desvaloriza a mão de obra especializada e abaixa o salário da categoria.

Gentili (1998) defende que a escola de jornalismo é esquizofrênica porque ensina teoria da comunicação, ao invés de jornalismo, e por isso houve atrofia no perfil do profissional, que sai da faculdade sem ser capaz de atender às exigências do mercado. Nuzzi, por sua vez, afirma que a crítica ao ensino de jornalismo no Brasil é “contemporânea de seu próprio nascimento” (NUZZI, 1998, p.8).

Em fevereiro de 2009, foi formada uma comissão de professores, pesquisadores e especialistas, liderada por José Marques de Melo, para subsidiar o Ministério da Educação (MEC) na revisão das diretrizes curriculares do curso de jornalismo. Essas diretrizes têm como objetivo orientar as instituições de ensino superior no processo de formulação do projeto pedagógico dos cursos de graduação. No caso do jornalismo, as diretrizes foram estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) em 2001, e, por isso, uma das defesas feita por profissionais da área é de que o currículo já está defasado.

A comissão, além do professor José Marques, foi composta por Alfredo Eurico Vizeu Pereira Junior (Universidade Federal de Pernambuco), Eduardo Barreto Vianna Meditsch (Universidade Federal de Santa Catarina), Lucia Maria Araújo (Canal Futura), Luiz Gonzaga Motta (Universidade de Brasília), Manuel Carlos da Conceição Chaparro (Universidade de São Paulo), Sérgio Augusto Soares Mattos (Universidade Federal do Recôncavo Baiano), Sônia Virgínia Moreira (Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

Após cumprirem cronograma de reuniões, diversos trabalhos e três audiências públicas para receber contribuição dos diversos segmentos da sociedade civil, das universidades e de representantes do mercado de trabalho, a comissão entregou, em setembro de 2009, relatório ao MEC, no qual constam as principais mudanças sugeridas para o currículo dos cursos de jornalismo no Brasil. Os pesquisadores e professores participantes determinaram a ampliação da carga-horária do curso de 2.800 horas para 3.200 horas, além de sugerirem uma diversificação dos currículos, que, para Melo, estão homogeneizados e defasados. Porém, a principal sugestão do grupo foi uma maior integração entre prática e teoria durante a formação, com, por exemplo, o estabelecimento da obrigatoriedade do estágio supervisionado para a graduação de jornalistas.

No dia 9 de outubro de 2010, a proposta elaborada foi discutida no

Conselho Nacional de Educação. A separação do curso de jornalismo de outras áreas da comunicação social e a introdução de um estágio obrigatório foram os pontos mais polêmicos da audiência pública sobre diretrizes da graduação em jornalismo. As propostas ainda estão em fase de análise pelo CNE.

Para Vieira Júnior (2002),

O passado aponta as ações ilimitadas e infrutíferas, na maioria das vezes, por parte do governo na escolha do currículo ideal para o ensino de Jornalismo, mas sempre privilegiando a elite brasileira. O diagnóstico do ensino de Jornalismo registra a complexidade na busca de soluções para superar a constante crise. No geral, as reformas curriculares são recursos paliativos adotados pelo governo. (VIEIRA JÚNIOR, 2002, p.25)

Desse modo, passa-se a buscar novas alternativas para articular, de maneira mais eficiente, a teoria e a prática dentro das salas de aula dos cursos de jornalismo.

## **2.2 Surgimento e importância do jornal laboratório no ensino de jornalismo**

Com o Decreto 83.284/79, que proíbe o estágio de jornalismo, ocorreu um distanciamento entre o que o aluno aprende na escola e o que se faz na redação, isto é, há uma dicotomia entre a teoria e a prática. Desse modo, para Lopes (1989), o ponto alto do ensino profissionalizante em jornalismo calcado tanto na prática quanto na teoria ocorreu com a Resolução n.º03/78, aprovada pelo Conselho Federal de Educação, que estabelecia a obrigatoriedade de órgãos laboratoriais dentro das faculdades. Lopes (1989) afirma que os jornais laboratoriais são espaços importantes para a pesquisa e a reprodução da prática jornalística.

Já para Melo (1984), formar jornalistas sem que seja a eles oferecida a oportunidade de testar os modelos apreendidos em sala de aula constitui um motivo de frustração generalizada para a área de jornalismo desde a década de 1950. “Existe portanto uma coincidência histórica sobre a necessidade dos laboratórios como espaços fundamentais para

a pesquisa, a reprodução ou a inovação da prática jornalística” (MELO, 1984, p.2).

Assim, Lopes (1989) diz que é preciso ter consciência de que não existe prática sem teoria. E completa: “Os próprios órgãos laboratoriais podem ser utilizados para essa articulação teórico-prática” (LOPES, 1989, p.36), e daí se afirma a sua importância. Lopes (1989) ressalta que o jornal laboratório torna possível que os alunos tenham uma visão global do processo jornalístico, não apenas na teoria, como também tendo uma noção do dia a dia das redações. Ele é o instrumento didático básico da faculdade.

Entretanto, Melo (1984) ressalta que

A prática jornalística nas universidades não pode ser restringida a uma mera questão tecnológica – disponibilidade de equipamentos e aparatos instrumentais nos laboratórios. É preciso ter projetos pedagógicos que orientem o uso desses laboratórios, de modo a oferecer aos educandos possibilidades de enfrentamento das situações que convertam o jornalismo em apreensão concreta da realidade (MELO, 1984, p.4).

O jornal laboratório tem como principal objetivo romper a barreira de um organismo acadêmico, já que o aluno deve enxergá-lo como uma ferramenta para a prática das tarefas diárias do fazer jornalístico. Melo (1984) destaca que o veículo laboratorial é importante já que funciona como elo entre os alunos e a futura profissão. O jornal laboratório permite que os estudantes treinem e, desse modo, errem e entendam a extensão e a gravidade de seus erros, o que, conseqüentemente, os torna mais conscientes da profissão.

Em outubro de 1982, durante o VII Encontro de Jornalismo Regional sobre órgãos laboratoriais impressos, realizado na Faculdade de Comunicação de Santos, a Comissão de Conceituação chegou ao seguinte conceito: “O jornal laboratório é um veículo que deve ser feito a partir de um conjunto de técnicas específicas para um público também específico, com base em pesquisas sistemáticas em todos os âmbitos, o que inclui a experimentação constante de novas formas de linguagem, conteúdo e apresentação gráfica. Eventualmente, seu público pode ser interno, desde que não tenha caráter institucional”.

Ainda em 1964, Beltrão já enfatizava a importância do jornal laboratório como instrumento didático afirmando que só ele permitia aos professores ensinar a melhor forma de pautar, redigir, entrevistar, diagramar, editar e ser responsável com o público. Para isso, entretanto, o professor deve reforçar e o estudante assimilar que o conteúdo do jornal laboratório não deve omitir informações, enganar e nem confundir o leitor. Assim, o órgão se tornará ferramenta importante para a formação de profissionais éticos e responsáveis que conduzem os critérios de produção e difusão de maneira séria.

Outro ponto que indica a relevância do jornal laboratório diz respeito ao fato de o veículo ajudar o aluno a conhecer o funcionamento de um jornal desde a reunião de pautas, checagem das fontes, entrevistas, pesquisa em bancos de dados e arquivos, produção do texto, edição e sua difusão. Ou seja, o aluno transporta para o jornal laboratório toda a teoria estudada em sala de aula e que, muitas vezes, fica “solta”, longe da prática e da experimentação.

A visão de que o jornal-laboratório serve apenas para satisfazer as exigências do MEC, o ego do professor/orientador ou do aluno, em alguns casos, não traduz a verdade da sua representatividade na formação profissional. É experimentando que o aluno sente na pele as dificuldades de coletar dados, encontrar as fontes necessárias para sustentar a sua proposta de pauta e provar que o assunto é de interesse da comunidade. Ao manter contato com a comunidade, o aluno passa a trabalhar de modo mais consciente, mais sério e profissional (VIEIRA JÚNIOR, 2002, p.94).

Na verdade, segundo Melo (1984), a produção e difusão do órgão laboratorial cria condições instrumentais e teóricas para que o estudante exercite as mais variadas funções do jornalista. O laboratório didático, portanto, possibilita que o aluno se conscientize a respeito da importância da profissão.

Além disso, para Lopes (1989), o jornal laboratório põe o aluno em contato com a forma gráfica, “dando-lhe conhecimento razoável da arte tipográfica e dos sistemas de impressão, de diagramação e do uso de ilustrações e cores, melhorando-os na parte estética” (LOPES, 1989, p.50).

Em 1983, o professor Carlos Eduardo Lins da Silva elaborou o projeto para o *Jornal do Campus*, da Universidade de São Paulo (USP). Esse jornal laboratório teria como objetivos didáticos:

permitir o teste de regras e normas jornalísticas acumuladas ao longo dos anos; integrar as disciplinas técnicas e, principalmente, fornecer aos estudantes as condições de infraestrutura material e de conhecimentos teóricos, de modo a que eles possam exercitar-se nas mais variadas funções do universo jornalístico; preparar os alunos efetivamente para o exercício da profissão no final do curso (LOPES, 1989, p.58).

Porém, Lopes (1989) relata que o *Jornal do Campus* foi um fracasso em seus dois primeiros anos, tendo começado a obter resultados satisfatórios a partir de 1985, quando sofreu mudanças radicais. Após a realização de um estudo, descobriu-se que entre as causas desse fracasso estavam a falta de recursos materiais, obstáculos financeiros e outros.

Em Minas Gerais, o primeiro jornal laboratório foi criado em 1972 pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), e foi nomeado *Marco*. O objetivo do jornal era, basicamente, despertar a comunidade dos arredores da PUC Minas para seus problemas, e, por isso, as temáticas abordadas eram populares e locais. Segundo Lopes (1989), dois anos após a criação do *Marco*, o jornal passou a ser, ao invés de mero instrumento para os estudantes, um jornal comunitário, e assim perdura até os dias atuais.

### **2.3 Características do jornal laboratório**

Apesar de a lógica do jornal laboratório ser exatamente a de facilitar o acesso dos alunos de jornalismo à prática da profissão, ele não deve limitar-se a esse ponto, isto é, segundo Lopes (1989), as faculdades também não devem colocar seus alunos para escrever reportagens e matérias para seus órgãos laboratoriais sem que eles tenham conhecimento teórico para tal. “Nesses veículos, ao se fazer jornalismo, já está se aplicando um conjunto de aptidões e atividades que a formação universitária deve desenvolver. Como a atividade culminante e integrada,

o órgão laboratorial não é apenas prática, mas teoria-prática em movimento” (LOPES, 1989, p.36).

Além desse cuidado, existem ainda outros que devem ser considerados na produção de um jornal laboratório:

A existência de um jornal laboratório nos cursos de jornalismo é imprescindível. Porém isso não significa que qualquer projeto é condição suficiente. Tem que ter público definido, periodicidade respeitada, para que o aluno acredite que realmente ele existe e que o leitor o tenha como fonte de informação segura e confiável. (VIEIRA JÚNIOR, 2002, p.100)

Lopes (1989) afirma que o jornal laboratório deve ser um elemento experimental tanto em termos de linguagem, conteúdo editorial e aspecto gráfico, e, por isso, não há padrões a serem seguidos, mas sim alguns pontos a serem observados antes da sua implantação. São eles:

Quem faz, para quem, como fazer, o papel do professor, o papel do aluno, condições materiais, a abordagem, os temas, a forma, censura, circulação, distribuição, arquivo e pesquisa, discussão do trabalho realizado e dinamização da redação, entre outros. (LOPES, 1989, p.51)

Por isso, para Lopes (1989), o mote mais importante no que tange à elaboração do jornal laboratório é a questão editorial. Lopes (1989) argumenta que, enquanto em qualquer jornal quem equaciona a linha editorial é o dono, no jornal laboratorial a questão é mais complexa, uma vez que é a própria escola que o mantém.

Assim, o projeto pedagógico do jornal não deve ser dependente da direção da universidade e nem se limitar a problemas acadêmicos que proporcionam prática restrita, segundo Vieira Júnior (2002).

O conteúdo do jornal-laboratório deve se voltar para assuntos de interesse da comunidade em que ele está inserido ou mesmo para grandes reportagens. A valorização de temas regionais mostra que o jornal-laboratório não é apenas um treinamento meramente laboratorial, mas que pode levar o aluno a se posicionar de forma crítica e refletir sobre a sociedade que o cerca. (VIEIRA JÚNIOR, 2002, p.97)

Lopes (1989), por sua vez, também defende que esses jornais sejam espaços vinculados a uma comunidade à qual eles se dirigem, e, portanto, sua linha editorial deve ser estabelecida a partir dessa comunidade. “Só isso garantirá a independência das administrações universitárias, das tendências estudantis ou dos interesses das corporações dos docentes.” (LOPES, 1989, p.55).

Para o êxito da interação universidade-comunidade, é preciso que o jornal laboratório se insira, de fato, no espírito da mesma e se preocupe com as opiniões e com o comportamento do leitor. Para Vieira Júnior (2002), o leitor deve sentir que o jornal está atento a tudo o que acontece na comunidade, e essa expectativa da comunidade tem que servir como orientação no processo de ensino e aprendizagem do jornal laboratório. Já Lopes (1989) acrescenta que a comunidade pode e deve participar da criação do projeto e participar das reuniões de pauta, ampliando assim seu vínculo com o jornal.

Desse modo, ter um público definido é uma das principais características do jornal laboratório, e, a partir daí, também será possível definir a linha editorial do mesmo e evitar problemas em sua veiculação.

Só um jornal-laboratório com público definido e fora das salas de aula será capaz de vencer um dos problemas mais comuns nesta atividade: a interrupção a cada período de férias (o que descaracteriza o órgão como periódico) ou as bruscas mudanças da linha editorial e conteudística que sofre com a mudança das turmas discentes. (LOPES, 1989, p.57)

Para Vieira Júnior (2002), para ser lido regularmente, isto é, para que o morador da comunidade a qual o jornal é vinculado e a própria comunidade acadêmica criem o hábito de ler o jornal laboratório, é preciso manter seu padrão editorial e, principalmente, sua periodicidade. “O laboratório não deve ser interrompido porque o treinamento profissional é um processo continuado como ocorre na grande mídia. Outro fator negativo é que o aluno fica afastado da motivação do fazer jornalístico” (VIEIRA JÚNIOR, 2002, p.101).

Entre 1997 e 1998, Melo, Lopes e Lima Junior fizeram uma pesquisa para definir as características e o perfil dos jornais laboratórios de

jornalismo no Brasil. O estudo, que tinha apoio da Intercom<sup>3</sup>, concluiu que a maioria dos órgãos laboratoriais pesquisados era mensal e em formato tablóide. Além disso, o conteúdo era informativo generalista e menos da metade dos jornais tinha sua linha editorial definida por professores e alunos, sendo que a maioria era, portanto, definida também pela direção do curso de jornalismo, por leitores e ainda moradores do bairro onde a universidade se localizava.

Dos 109 jornais laboratórios pesquisados, 86 utilizavam a impressão em preto e branco e o papel jornal. Em relação à tiragem e distribuição, o estudo apontou que eram impressos entre mil a 10 mil exemplares de cada, e as edições eram distribuídas pelos alunos e funcionários da universidade.

Quanto à distribuição dos jornais, Vieira Júnior defende que é fundamental que ela seja, de fato, feita pelos alunos.

É fundamental que os alunos, orientados pelo professor responsável pelo projeto, também façam a sua distribuição. É na distribuição que ele tem um contato direto com o leitor. Esse corpo-a-corpo o ajuda no direcionamento de uma pauta, a observar os erros cometidos na produção de uma matéria, como também cria novas fontes de informação. Ao distribuir o exemplar do jornal-laboratório o aluno passa a ter uma visão mais abrangente do que pensa o público leitor. (VIEIRA JÚNIOR, 2002, p.98)

Por fim, Lopes (1989) ressalta que a edição dos jornais laboratório exige uma extensa preparação dos professores e alunos, o que envolve aulas teóricas sobre o jornal como produto mercadológico (ainda que o jornal laboratório não o seja), linha editorial da empresa jornalística e até conceitos de filtros internos e externos que vão interferir na edição, como a pauta, o editor, o repórter, o copidesque, o anunciante, a fonte, entre outros.

A importância do órgão laboratorial está principalmente em não apenas fazer, mas refletir sobre o fazer. Essa reflexão

---

<sup>3</sup>A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação – Intercom é uma associação científica sem fins lucrativos, fundada em São Paulo em dezembro de 1977.

e crítica sobre a prática profissionalizante contribui para a articulação teoria-prática desenvolvida nos órgãos laboratoriais. (LOPES, 1989, p.37)

Entretanto, o processo não se finda com a distribuição do jornal laboratório. Lopes (1989) defende a necessidade premente de o professor fazer uma avaliação periódica do trabalho desenvolvido pelos alunos, a fim de estabelecer um diagnóstico sobre as deficiências apresentadas pelos alunos/repórteres.

### 3 Análise do Jornal Laboratório como Articulador Entre Teoria e Prática

A presente pesquisa tem como objetivo apurar se o jornal laboratório *Impressão* pode ser considerado um instrumento para a aprendizagem da prática e dos critérios jornalísticos. Para isso, faz-se necessário entender o jornal laboratório como meio de aplicação dos conceitos apreendidos em sala de aula, buscando ainda verificar a sua importância e eficácia para a formação do aluno de jornalismo.

Portanto, busca-se analisar as características e o conteúdo das matérias do *Impressão* sob a ótica da prática jornalística, verificar como os critérios de noticiabilidade estão presentes no jornal, bem como sua rotina e estrutura de produção. Além disso, a presente pesquisa tem como objetivos analisar o *Impressão* a partir dos preceitos do jornalismo laboratorial e estabelecer um vínculo entre jornal laboratório e formação do aluno, verificando, para tanto, a eficácia da prática laboratorial para a formação profissional.

#### 3.1 O jornal laboratório *Impressão*

O jornal laboratorial *Impressão* completou 27 anos em abril de 2010 e tem como principal característica o seu caráter de experimentação. Em 2009, o *Impressão* ganhou novo projeto gráfico, passando do formato *standart* ao tablóide. Normalmente, são produzidas duas edições por semestre, totalizando quatro edições por ano. Destas duas edições semestrais, uma é elaborada e produzida por alunos do quinto período do turno da manhã, na disciplina Edição Jornalística, e a outra é produzida por alunos do mesmo período, do turno da noite.

Há duas modalidades de publicação do jornal: temática, na qual o caderno principal é composto por matérias de um tema específico, escolhido pelos alunos, ou eclética, com diversas editoriais e temas livres, que também compõem o caderno principal, que contém 16 páginas. O jornal tem ainda o caderno cultural *Dois*, com 12 páginas, constituído por reportagens, crônicas, ensaios fotográficos e críticas. Esse caderno, por sua vez, é produzido em parceria com a disciplina de Jornalismo Cultural, do sexto período.

Não só a produção, como também a edição e a diagramação de todos

os textos do *Impressão* são feitas por alunos bolsistas e voluntários. A escolha das pautas ou do tema principal – quando a edição é temática -, é feita pelos alunos, que são estimulados a participar de toda a rotina produtiva do jornal. Todo o processo é acompanhado de perto por professores orientadores. Há 10 anos, o professor responsável pelo *Impressão* é o professor Fabrício Marques, que ministra a matéria de Edição Jornalística. A equipe do jornal é composta por cinco estagiários e cinco monitores, e a tiragem do jornal atualmente é de dois mil exemplares.

Devido ao caráter de experimentação do jornal, não existem editorias totalmente fixas. Na última edição analisada para a pesquisa, de junho de 2010, o caderno principal do *Impressão* possuía sete editorias: “Primeiras palavras”, “DEZcobertas”, “Vida pública”, “Outros papos”, “Conexões Midiáticas”, “Especial” e “Dossiê”. Já o caderno *Dois*, além da reportagem, incluiu as seções “Ensaio” e “Crítica”. Entretanto, a cada edição são criadas novas seções, outras são substituídas, dependendo da decisão da turma que vai produzir a versão atual.

### 3.2 Recorte temporal e metodologia de análise

A pesquisa teve como objetivo verificar a aplicação prática dos critérios e elementos jornalísticos no jornal laboratório do curso de jornalismo do Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH), o *Impressão*. Para realizar este estudo foi preciso entender de que forma e por quem é produzido o conteúdo desse veículo e observar os critérios e práticas jornalísticas empregadas no jornal.

Para o recorte temporal, foi estabelecida a amostra de cinco edições do *Impressão*, de números 176, 177, 178, 179 e 180, de 2008, 2009 e 2010. Assim, foram realizadas três análises quantitativas para averiguar, em primeiro lugar, quais gêneros informativos estavam presentes no jornal laboratório, em segundo lugar quais são os critérios de noticiabilidade mais empregados nas matérias do *Impressão*, e, por fim, quais os tipos de fontes consultadas para apuração e redação das matérias.

Em seguida, utilizou-se o método da análise qualitativa para a verificação da presença ou ausência de outros elementos e critérios no jornal laboratório. Foram analisadas cinco questões. Na primeira, verificaram-se as características da edição do *Impressão*. A segunda buscou os elementos e a composição das capas das edições selecionadas. O terceiro

aspecto observado foi a rotina de produção do jornal laboratório. Para tanto, foi realizada uma entrevista com o professor Fabrício Marques, responsável pelo veículo (apêndice 4). Em seguida, verificou-se em que medida os preceitos de um jornal laboratório, descrito pelos principais autores utilizados, como Lopes e Melo, estão presentes no *Impressão*.

Por fim, optou-se por aplicar questionários estruturados a alunos e ex-alunos que tiveram ou ainda têm alguma experiência com o *Impressão*, de modo a possibilitar a análise da última questão: averiguar se o *Impressão* funciona como ferramenta de articulação entre teoria e prática jornalística. Assim, buscou-se verificar a eficácia da prática laboratorial para a formação dos alunos de jornalismo do Uni-BH. Quarenta e cinco alunos e ex-alunos responderam ao questionário, enviado no dia 14 de outubro de 2010.

### 3.3 Análise Quantitativa

#### 3.3.1 Gêneros informativos presentes no *Impressão*

Por ser um órgão laboratorial para os alunos de jornalismo, entende-se que o jornal laboratório deve ser capaz de proporcionar o máximo possível de aprendizado aos estudantes, o que significa, por exemplo, estimulá-los a produzir matérias de diferentes gêneros jornalísticos, já que nenhum veículo é composto por apenas um deles. Nas cinco edições analisadas do *Impressão*, de números 176, 177, 178, 179 e 180, de 2008, 2009 e 2010, todas as matérias foram separadas de acordo com seus gêneros jornalísticos e agrupadas na tabela 1 (apêndice 1). Os resultados estão demonstrados no gráfico 1 abaixo.

Do total de 109 matérias nas cinco edições, observa-se a seguinte distribuição:

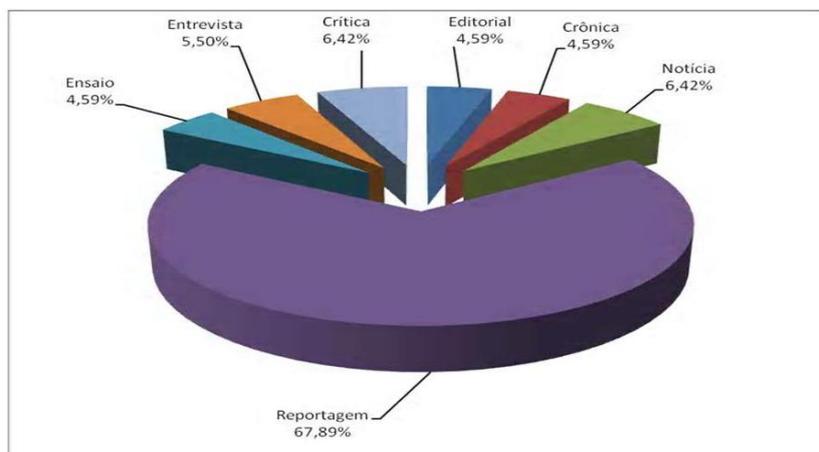


Figura 1 - Gêneros informativos

De acordo com a tabela 1 (apêndice 1), percebe-se que o jornal prioriza a utilização de reportagens, fato justificado pelo professor responsável Fabrício Marques devido à periodicidade do *Impressão*. Por serem impressas duas edições por semestre, o prazo não permite a publicação de muitas notícias, que podem ficar frias. O conceito utilizado para diferenciação entre reportagem e notícia foi o mesmo defendido por Sousa (2005), que afirma que a reportagem é uma “notícia aprofundada”, isto é, ela interpreta, expõe causas e consequências de um acontecimento, o contextualiza, engloba elementos da entrevista, da notícia, da crônica, dos artigos e de outros, e, por fim, busca emergir o leitor na história. Além disso, para Sousa (2005), a reportagem não possui tanta influência do fator tempo, como ocorre na notícia. Assim, o repórter pode, por exemplo, pesquisar, procurar em arquivos, pedir dados e discutir que fontes serão escutadas.

Desse modo, foram contabilizadas 74 reportagens e apenas sete notícias nas cinco edições, o que já era esperado. Entretanto, também foram pouco utilizados os gêneros crônica e ensaio, que apareceram cinco vezes, seguidos da entrevista (foram seis) e das críticas, que foram contabilizadas sete vezes. Além disso, o *Impressão* possui editorial fixo, o que justifica a contagem de cinco. O jornal não utiliza notas.

### 3.3.2 Os critérios de noticiabilidade no *Impressão*

Para que a escolha dos acontecimentos que serão transformados em notícias não seja completamente subjetiva, existem mecanismos para facilitar a seleção dos mesmos e, entre eles, estão os critérios de noticiabilidade. A partir desses critérios, os órgãos de informação escolhem, diariamente, o que será noticiado dentre um número enorme de fatos.

Assim, torna-se necessário analisar também se há presença desses critérios, indispensáveis, no jornal *Impressão*. Para isso, foram utilizados os principais critérios apontados por Sousa (2005): proximidade (quanto mais próximo acontece um evento, mais chances ele tem de virar notícia), significância (quanto mais pessoas esse evento atingir ou quanto maior for a sua dimensão, mais chances de se tornar notícia), continuidade (desenvolvimento de algo já noticiado), imprevisibilidade, atualidade, proeminência social dos envolvidos, negatividade, impacto sobre a nação e relevância.

A partir da tabela 2 (apêndice 2), referente às cinco edições do *Impressão*, chegou-se ao gráfico 2, sobre a utilização dos critérios mencionados acima.

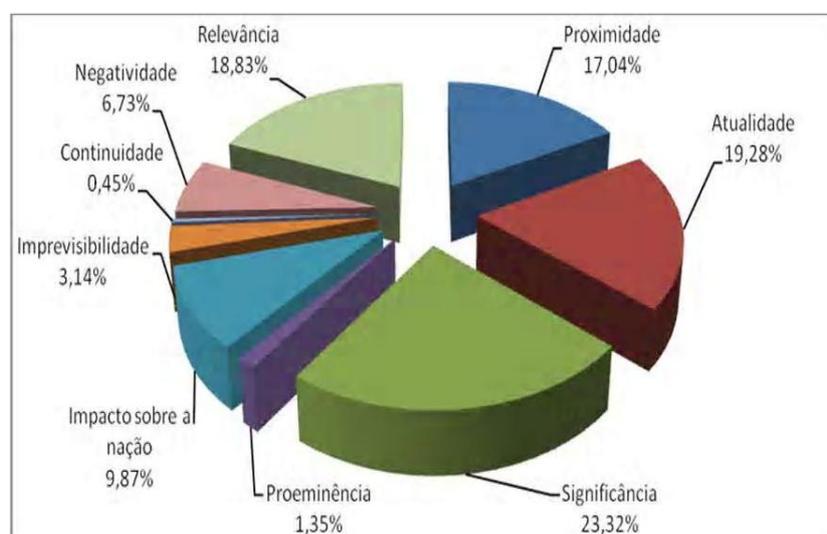


Figura 2 – Critérios de noticiabilidade

Pode-se inferir que os critérios menos utilizados são critérios que

dependem, de certa forma, da periodicidade do jornal. A contagem de poucas matérias que utilizam o critério de continuidade, por exemplo, explica-se devido ao intervalo de cerca de um ou dois meses entre uma edição e outra de cada semestre e ao intervalo ainda maior entre o último jornal de um semestre e o primeiro do outro. Assim, torna-se complicado continuar um assunto abordado em matéria anterior. Só houve uma ocorrência. Os critérios de imprevisibilidade e impacto sobre a nação também podem ter relação com a periodicidade, já que um fato imprevisível ou de grande importância e impacto sobre a nação são normalmente noticiados pela televisão e pelos veículos impressos. Geralmente esses assuntos são frios para um jornal laboratório que tem duas edições por semestre.

Já entre os critérios mais utilizados está a significância, que diz respeito ao número de pessoas que o fato ou evento atinge ou à sua dimensão. Quanto mais pessoas forem atingidas ou quanto maior o tamanho do evento, mais chances ele terá de se tornar notícia. É o caso da primeira reportagem da edição 176 do *Impressão*, intitulada “Problema coletivo” (Anexo 8). A matéria trata da má qualidade dos veículos coletivos de Belo Horizonte e do tempo de espera enfrentado pelos passageiros, e, por isso, é um claro exemplo da presença do critério de significância, já que o transporte público é largamente utilizado pelos cidadãos de Belo Horizonte.

Em seguida, o gráfico aponta a atualidade como segundo critério mais utilizado, em quase 20% das matérias. Além da matéria exemplificada acima, há grande quantidade de reportagens que tratam de temas contemporâneos e que, na maioria das vezes, se referem à cidade de Belo Horizonte e seus moradores ou a temas globais. A matéria sobre as *It Girls*, capa do caderno *Dois* na edição 179 (Anexo 6), é um exemplo por tratar de uma tendência observada em todo o mundo.

A relevância do fato e a proximidade aparecem, respectivamente, em terceiro e quarto lugares no gráfico. De fato, o *Impressão* prioriza reportagens com temas relevantes e que envolvem os cidadãos de Belo Horizonte, já que, de acordo com a tabela 2 (apêndice 2), na qual o critério de noticiabilidade foi dividido entre notícias sobre a comunidade no entorno da faculdade, sobre a cidade ou sobre a própria universidade, percebe-se que a maior parte das matérias que apresentam o critério proximidade diz respeito à capital mineira.

Ainda analisando a tabela 2 (apêndice 2), é possível averiguar que muitas reportagens e notícias utilizam mais de um critério de noticiabilidade ao mesmo tempo, o que significa que vários assuntos abordados são de grande valia e interesse, já que agregam critérios de noticiabilidade, que, por sua vez, dizem respeito diretamente ao leitor.

Um exemplo é a reportagem “Gastos sem consciência” (Anexo 9), na página 3 do caderno principal da edição 179. Por englobar oito dos nove critérios de noticiabilidade analisados, é provável que tenha atraído bastante atenção do leitor. A matéria trata o desperdício de água e de luz não só por parte da população, bem como pela administração pública de Belo Horizonte. O olho gráfico com fala de personagem que diz “Eu passo por aqui todos os dias e as luzes estão sempre acesas. Não entendo porque, já que o dia está claro” e a utilização de fotos com exemplos de canos que jorram água durante todo o dia em avenidas da Capital e também de postes acesos durante o dia são outros recursos utilizados. Assim, a matéria apresenta os critérios de proximidade, significância, imprevisibilidade (uma vez que o poder público é que deveria dar o exemplo aos seus cidadãos), atualidade, proeminência social dos envolvidos, negatividade, impacto sobre a nação (a própria chamada na capa (Anexo 4) diz: “Você paga o desperdício”) e relevância.

### **3.3.3 Utilização de fontes no Imprensa**

As fontes de informação são um importante elemento para o jornalismo, por possuírem dados que podem ser utilizados pelo jornalista e também por, muitas vezes, serem a própria fonte de revelação da notícia. Por isso, grande parte da informação jornalística provavelmente nem existiria sem as fontes de informação.

Em uma matéria do gênero informativo, torna-se ainda mais relevante a utilização das fontes, que vão conferir credibilidade e legitimidade a ela. Cabe ao jornalista apurar com as fontes adequadas e saber selecioná-las, bem como a informação transmitida por elas. Segundo Sousa (2005), uma boa fonte deve ter representatividade (ou seja, quanto mais pessoas ela representar melhor), credibilidade e autoridade.

Desse modo, as cinco edições que compõem evidências empíricas para a pesquisa foram analisadas de acordo com as fontes utilizadas em cada matéria do gênero informativo. Na tabela 3 (apêndice 3), é possível

observar a presença de fontes oficiais, especializadas ou de personagens em cada matéria, o que foi traduzido no gráfico 3:

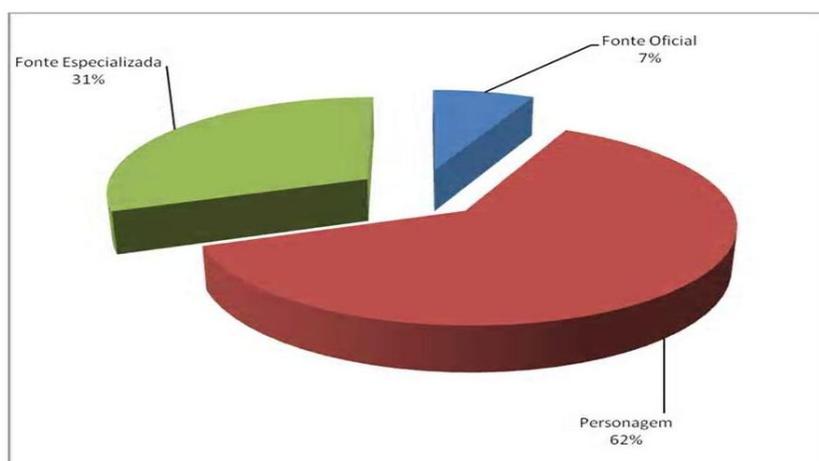


Figura 3 - Fontes

Do total de 283 fontes utilizadas nas matérias do gênero informativo, 7% foram oficiais e pouco mais de 30% eram fontes especializadas, o que demonstra grande utilização (62%) de apenas personagens e de onde se conclui que grande parte das matérias não possui posicionamento de fontes oficiais ou especializadas, ou de nenhuma das duas, o que pode comprometer a legitimidade da informação, já que o leitor só recebe um lado da informação. Por outro lado, também pode comprometer o próprio aprendizado, uma vez que contatar e entrevistar fontes oficiais é prática constante da atividade do jornalista no dia a dia das redações. Fazê-lo no jornal laboratório possibilita ao aluno aprender a ter postura adequada além de adquirir mais segurança em função da experiência acumulada.

### 3.4 Análise qualitativa

#### 3.4.1 Características da edição do jornal laboratório

Um dos preceitos de um jornal laboratório é seu caráter de experimentação. Com o *Impressão*, não é diferente. Nas cinco edições analisadas,

de números 176, 177, 178, 179 e 180, de 2008, 2009 e 2010, observa-se que não há regras definidas, o jornal está em constante mudança. As duas primeiras edições que constituem evidências empíricas para a pesquisa estão em formato *standart*, e as três últimas em tablóide.

Uma das provas desse caráter de experimentação é o fato de não haver editorias fixas no jornal, além da mudança no formato. Na última edição analisada para a pesquisa, de junho de 2010, o caderno principal do *Impressão* possuía as editorias: “Primeiras palavras”, “DEZcober-tas”, “Vida pública”, “Outros papos”, “Conexões Midiáticas”, “Especial” e “Dossiê”. Já o caderno *Dois*, além das reportagens, tem as seções “Ensaio” e “Crítica”. Entretanto, elas nem sempre estiveram presentes em todas as edições, e costumam ser substituídas, especialmente em edições temáticas.

Em linhas gerais, observa-se que o jornal laboratório *Impressão* faz uso de títulos chamativos e que, por vezes, brincam com as palavras. A primeira reportagem do caderno principal da edição de número 176 do jornal *Impressão*, de maio de 2009, por exemplo, recebeu o título “Problema coletivo” (Anexo 8) e tratava da má qualidade dos veículos coletivos de Belo Horizonte e do tempo de espera enfrentado pelos passageiros. O título, curto, vale-se da criatividade, já que utiliza a palavra “coletivo” no sentido de conjunto de pessoas, mas faz também alusão ao sistema de transporte público, já que os ônibus são chamados coletivos. Além disso, ele deixa claro o tema da matéria e chama a atenção do leitor. Sua sobreposição a uma foto de um ônibus que ocupa meia página ajuda o leitor a fazer a ligação entre título e tema.

Outro bom exemplo é o título “Quando a primeira vez é inesquecível” (Anexo 10), da reportagem presente na página 7 do caderno principal da edição 180. A matéria faz parte do especial sobre a Copa do Mundo e trata justamente do fato de a África do Sul receber, pela primeira vez, um mundial em seu território. O título foge um pouco do tradicional, do sério, sendo leve e informal.

Todas as matérias também possuem bigode, a maioria deles sintéticos e explicativos. Na matéria citada acima, por exemplo, o bigode diz: “Passageiros de ônibus da capital reclamam da má qualidade dos veículos e do tempo de espera. Aumento de frota, previsto no novo edital, beneficia apenas um terço das linhas”. Assim, resume com clareza o

tema que será discutido na reportagem e demonstra o que acontece em geral no jornal.

No que tange às fontes utilizadas, observa-se uma grande discrepância (*Ver gráfico 1*). Na edição 176, por exemplo, das 46 fontes utilizadas em 17 matérias do gênero informativo, apenas sete eram especializadas e outras sete oficiais. Observando todas as cinco edições, do total de 283 fontes utilizadas nas matérias do gênero informativo, 7% eram oficiais e pouco mais de 30% eram fontes especializadas, o que demonstra grande utilização de apenas personagens e de onde se conclui que grande parte das matérias não possui posicionamento de fontes oficiais ou especializadas, ou de nenhuma das duas, o que pode comprometer a legitimidade da informação. De acordo com Sousa (2005), uma boa fonte deve ter representatividade (ou seja, quanto mais pessoas ela representar melhor), credibilidade e autoridade. Daí a importância de haver um equilíbrio na utilização de fontes especializadas e oficiais, que conferem credibilidade e autoridade à matéria.

O *lead* não segue a estrutura tradicional, que responde às cinco perguntas (O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por que?), o que, segundo o professor responsável pelo *Impressão*, Fabrício Marques, deve-se ao fato da periodicidade do jornal não permitir que ele seja sempre factual. Assim, o *lead* é, geralmente, mais livre e literário. Ainda utilizando como exemplo a matéria “Problema coletivo” (Anexo 8), da edição 176, a abertura da reportagem é mais informal, já que começa da seguinte maneira: “O mar de gente que circula nos coletivos de Belo Horizonte todos os dias sofre com a baixa oferta de veículos.”. A utilização da expressão “Mar de gente” denota a informalidade e o caráter de experimentação do veículo.

Outra matéria que exemplifica bem a informalidade do *lead* está presente na página 3 da edição 180, na editoria “Vida pública”. A reportagem (Anexo 11), com Gaudêncio Torquato, fala sobre *marketing* político e começa da seguinte maneira: “No conto de fadas Branca de Neve e os Sete Anões a madrasta é conhecida como a mais bela de todo o reino”.

Normalmente, as matérias do jornal laboratório contêm uma ou duas retrancas, além de uma média de duas ou três fotos por página. Também há utilização de infográficos, embora isso ocorra em menor quantidade. Há pouca utilização de recursos gráficos mais complexos, como artes

criadas pelos alunos. Em geral, há utilização de quadros com números e dados. Outro recurso bem utilizado é o olho gráfico. Em grande parte das reportagens, há o destaque na página de alguma fala de uma das fontes. Na editoria “Crítica” (Anexo 12), da edição 180, por exemplo, o olho gráfico destaca uma fala de B.B. King: “Minhas pernas não estão boas, minhas costas também não, e a cabeça já não é mais a mesma”.

Já em relação à linguagem, infere-se que não há regras. Pelo fato de as matérias serem produzidas por alunos diferentes, algumas possuem texto mais informal, outras são literárias, e, por fim, algumas são formais. No caderno cultural *Dois* não é diferente, observam-se as mesmas ocorrências em relação ao texto, títulos, fontes e recursos gráficos.

### 3.4.2 Análise das capas do Impressão

As capas do jornal laboratório *Impressão* nas cinco edições analisadas, de números 176, 177, 178, 179 e 180, de 2008, 2009 e 2010, são relativamente parecidas. A única exceção acontece quando a edição é temática, já que, nesse caso, a capa destaca, principalmente, o tema central.

Na edição de 176, que ainda estava em formato *standart*, pouco mais da metade da capa (Anexo 1) é destinada às chamadas do caderno principal, e o restante destaca os assuntos do caderno *Dois* em um quadro com fundo alaranjado, que faz a separação das manchetes de cada caderno para o leitor. O caderno principal fala da história de moradores que se destacam em Belo Horizonte, e, por isso, a foto principal é uma arte na qual há um mural de fotos com a foto de cada um dos cinco moradores presentes na reportagem. Já a foto no quadro referente ao caderno *Dois*, apesar de estar ao lado das manchetes, não diz respeito a nenhuma delas, mas ao ensaio fotográfico sobre o bairro Lagoinha<sup>4</sup> contido no jornal. Todas as matérias chamadas possuem um resumo de cerca de dez linhas e a indicação da página na qual a matéria se encontra.

Já a edição 177, também em formato *standart*, tem como tema do dossiê o fanatismo (Anexo 2). A manchete e o bigode estão sobrepostos à foto na qual é mostrada metade do rosto de uma mulher, que está vendada. Não há qualquer ligação óbvia entre a foto e o tema. A capa

<sup>4</sup>O Lagoinha é o bairro no qual situa-se o Centro Universitário de Belo Horizonte.

tem cores escuras e sóbrias que contribuem para dar ao leitor uma ideia da seriedade do tema abordado pelo jornal. A fonte escolhida também é mais rústica. Na última linha da página, as expressões e palavras “Duelo de MCs”, “Tutti Maravilha”, “Diários na internet” e “Cinemas” são as “manchetes” do caderno *Dois*.

Primeira em formato tablóide, a capa do jornal *Impressão* número 178 (Anexo 3) mostra que a edição também é temática. Uma máquina antiga de escrever redige em um papel o tema do jornal: “Momentos históricos de BH”. A fonte utilizada também é mais antiga, assim como a foto da máquina, o que contextualiza o tema na capa. Ocupando cerca de 1/4 da capa, estão três manchetes do caderno *Dois*, dessa vez acompanhadas de um pequeno resumo das matérias e de duas fotos.

O número 179 do jornal laboratório não tem tema específico. Dessa vez, a capa (Anexo 4) foi dividida em duas colunas, sendo que a que está justificada à esquerda e ocupa 1/3 da página é destinada às manchetes do caderno *Dois*. Além disso, ela recebeu fundo amarelado, o que a destaca do restante da capa. A manchete da reportagem principal está com fonte maior do que todas as outras, e fala sobre o desperdício de recursos naturais pela administração pública. É uma matéria de denúncia, e a foto mostra claramente as luzes de postes na cidade acesas durante o dia. A manchete da entrevista foi substituída por um olho com uma citação do entrevistado e o seu nome.

Por fim, a última edição analisada, número 180 do *Impressão*, de junho de 2010, não possui quadro de cor diferente (Anexo 5). A edição possui um dossiê especial sobre os sete pecados capitais, mas também foi recheada de matérias diversas. Assim, a manchete para o especial ficou justificada à esquerda, com uma foto que se assemelha a um quadro antigo. Porém, o tamanho da foto prejudicou sua qualidade e entendimento. A matéria que recebe maior destaque é sobre a Copa do Mundo 2010 e não possui fotos. Abaixo, uma foto que destaca o ensaio fotográfico presente na edição. Em geral, a capa assemelha-se às outras, contendo também um resumo de poucas linhas sobre cada uma das manchetes explicitada.

### 3.4.3 Rotina produtiva do Impressão

Contando, atualmente, com equipe de cinco estagiários e cinco monitores<sup>5</sup>, o jornal laboratório *Impressão* começa a ganhar forma a partir da participação dos alunos do quinto período, que são estimulados, desde o início do semestre, durante a disciplina Edição Jornalística, ministrada pelo professor responsável pelo órgão laboratorial, Fabrício Marques, a pensar em pautas para o jornal.

São duas edições produzidas por semestre, sendo que uma é redigida pelos alunos do turno manhã, e a outra pelos estudantes do turno noite. Segundo o professor Fabrício Marques<sup>6</sup>, a produção do jornal começa com uma votação na sala, que é feita para a turma decidir se a edição terá formato temático ou livre. Após a decisão geral dos alunos, parte-se para a decisão das pautas que serão abordadas. As pautas são sugeridas exclusivamente pelos estudantes, que contam com a orientação e consultoria do professor a respeito da viabilidade da matéria, sugestão de fontes, entre outros. Quando a turma é numerosa, pode ser preciso que as matérias sejam feitas em duplas ou trios, mas não há regra, uma vez que o aluno pode optar por redigir o tema de seu interesse individualmente.

Para o professor responsável pelo *Impressão*, o processo de produção nasce completamente dentro de sala de aula. Os alunos contam com o horário de aula nos laboratórios para realizarem pesquisas que forem necessárias para o cumprimento da pauta e também para a redação da reportagem.

Desse modo, os alunos têm a oportunidade de tirar dúvidas com o professor durante as aulas e mostrar versões da matéria, até o *deadline* de entrega da versão final. Quando isso acontece, os monitores e estagiários do *Impressão* fazem uma reunião de pauta, na qual analisam as reportagens produzidas pelos alunos e os detalhes de diagramação, posicionamento das matérias, entre outros. Há também a divisão de tarefas entre a equipe do jornal laboratório, já que as matérias ainda precisarão ser editadas e adequadas ao jornal.

Todo o processo de edição é feito pelos monitores, mas também é

---

<sup>5</sup>Os estagiários e monitores se dividem entre as áreas de edição de texto, fotografia e diagramação.

<sup>6</sup>Entrevista concedida no dia 14/10/2010 (apêndice 4).

constantemente supervisionado pelos professores<sup>7</sup>. Quando, em função de textos de qualidade ruim ou incompletos, é necessária a elaboração de novas reportagens para complementar a edição, a tarefa fica ao encargo dos monitores e estagiários do *Impressão*.

De acordo com Fabrício Marques, o jornal tem a política de valorizar as fotos produzidas pelos próprios alunos, ainda que sejam de qualidade inferior a uma foto de arquivo ou divulgação. Quando as matérias ficam prontas, editadas e com suas respectivas fotos e imagens, elas são diagramadas pelo estagiário de diagramação; posteriormente passam pela edição e revisão finais, também feitas pelos alunos com orientação e supervisão final dos professores.

#### **3.4.4 O Impressão do ponto de vista de um jornal laboratório**

Os jornais laboratoriais devem ser utilizados como articulação entre teoria e prática nos cursos de jornalismo. Devido à sua importância e ao fato de que, muitas vezes, o jornal laboratório é uma das únicas ferramentas passíveis de fornecer ao aluno uma visão mais global do processo jornalístico na teoria e na prática, esse veículo deve ter caráter profissional. Só assim ele será um veículo realmente didático.

Desse modo, uma das diretrizes do jornal laboratório é a existência de público definido, que pode ser interno, mas não deve ter caráter e nem conteúdo institucional. Além disso, Lopes (1989) esclarece que, apesar de ter como lógica facilitar o acesso dos alunos de jornalismo à prática da profissão, o jornal laboratório não deve limitar-se a esse ponto, isto é, as faculdades também não devem colocar seus alunos para escrever reportagens e matérias para seus órgãos laboratoriais sem que eles tenham conhecimento teórico para tal. No caso do *Impressão*, essa recomendação se confirma, já que os monitores e estagiários só podem trabalhar no jornal quando estão cumprindo as disciplinas do quarto período, que são mais específicas.

Outro ponto importante diz respeito à periodicidade do jornal laboratório, que deve ser bem definida e respeitada, até mesmo para que os leitores e a própria comunidade acadêmica criem o hábito da leitura.

---

<sup>7</sup>Além do professor responsável pela coordenação do jornal laboratório, o *Impressão* conta com um professor responsável pela parte de redação jornalística e outro responsável pela área de diagramação.

A partir das informações obtidas com o professor coordenador do *Impressão*, Fabrício Marques, percebe-se que o veículo já teve periodicidades variadas, e até 2008 eram produzidas quatro edições por semestre. Como já mencionado em tópicos anteriores, a periodicidade atual do *Impressão* é de dois jornais por semestre, que têm intervalo variável entre eles, de, em média, um mês.

O jornal laboratório deve, ainda, ter a liberdade de não ter padrões definidos, uma vez que ele parte do princípio da experimentação. Os *leads* mais informais e literários, os dossiês e especiais que são feitos no jornal laboratório do Uni-BH e até mesmo o fato de as fotos serem feitas por alunos, mostram que o caráter experimental está presente no veículo e é incentivado pelo professor coordenador do jornal, Fabrício Marques.

Lopes afirma ainda que, mesmo com o caráter de experimentação, alguns pontos devem ser observados e também ficar muito claros, como, por exemplo, quem faz o jornal laboratório, o papel do professor e do aluno, as condições materiais. No caso do *Impressão*, que é totalmente produzido pelos colaboradores, estagiários e monitores, não entra conteúdo produzido por professores, e o papel desses é somente orientar e supervisionar a atividade desenvolvida no laboratório. Além disso, o jornal conta com uma estrutura na qual os estagiários e monitores possuem estações de trabalho na faculdade e um laboratório específico para trabalharem. Já a abordagem e os temas do *Impressão* não são totalmente definidos, principalmente porque o jornal possui algumas edições temáticas e outras livres.

Um dos grandes motes da produção do jornal laboratório é sua linha editorial, já que, geralmente, quem a equaciona é o proprietário do veículo. Entretanto, no caso do órgão laboratorial, a situação se torna mais complexa, já que a própria escola o mantém, mas não deve influenciar em seu caráter e conteúdo. O projeto pedagógico do *Impressão*, segundo Fabrício Marques, independe completamente da direção do Centro Universitário de Belo Horizonte. Por estar há dez anos na frente da coordenação do jornal, Fabrício ressalta que é um cargo de confiança, uma vez que a escola não toma conhecimento prévio de nenhum assunto abordado.

Outro importante detalhe é a distribuição do jornal. A recomendação é que ela seja, de preferência, feita pelos próprios alunos, de

modo a possibilitar que eles tenham contato direto com seus leitores. Além de poder receber *feedbacks* sobre as edições e pensar em novas pautas, o estudante passa a ter uma visão mais abrangente da opinião dos leitores. No *Impressão*, os alunos não distribuem o jornal, que é depositado em estantes e mesas em pontos estratégicos do Uni-BH.

Porém, o processo não acaba com a distribuição do jornal laboratório. Há ainda a necessidade premente de o professor fazer uma avaliação periódica do trabalho desenvolvido pelos alunos, a fim de estabelecer um diagnóstico sobre as deficiências apresentadas pelos alunos/repórteres. No jornal laboratório do Uni-BH, além de reuniões entre professores e monitores e estagiários, o professor coordenador Fabrício Marques incentiva os alunos a elaborarem uma análise crítica da edição anterior à que será produzida no semestre. Essas opiniões são levadas aos participantes do *Impressão*, e, em algumas oportunidades, trechos de críticas são inclusive publicadas no jornal, como é o caso da edição 176, que apresenta, na página 7, apontamentos feitos por estudantes.

Outro ponto largamente abordado por Lopes (1989) e por Vieira Júnior (2002) é o envolvimento que o jornal laboratório deve ter com a comunidade. Assim, o conteúdo abordado deve ser sempre voltado para a comunidade na qual o jornal está inserido. Para esses autores, a valorização de temas regionais é que leva o aluno a se posicionar de forma crítica e refletir sobre a sociedade ao seu redor. Além disso, o órgão laboratorial não deve limitar-se a abordar temas que dizem respeito à própria universidade, o que o tornaria institucional e proporcionaria prática restrita aos alunos.

Na tabela 2 (apêndice 2), sobre os critérios de noticiabilidade, o critério de proximidade foi dividido em outros três: entorno, cidade e universidade. No *Impressão*, portanto, de 109 matérias analisadas (gêneros: notícia, reportagem e entrevista), trinta e duas abordavam assuntos relacionados à cidade de Belo Horizonte. Seis diziam respeito à universidade, e nenhuma tratava de fatos da comunidade do entorno da faculdade. Apesar de não falar do bairro, o jornal aborda assuntos de Belo Horizonte, e, portanto, proporciona uma reflexão crítica sobre a sociedade ao seu redor.

### 3.4.5 O Impressão como ferramenta de aplicação prática dos critérios jornalísticos

Para fazer uma análise efetiva da aplicação de todos os conceitos mencionados e relatados acima no jornal laboratorial *Impressão*, buscou-se também colher a opinião de alunos e ex-alunos que já escreveram ou foram monitores do jornal, ou que ainda o fazem. Assim, 15 ex-alunos e 30 alunos do curso de jornalismo do Uni-BH que tiveram ou têm alguma experiência com o *Impressão* responderam a questionários estruturados, com perguntas abertas<sup>8</sup>. O questionário para os ex-alunos (apêndice 5) possuía uma pergunta a mais do que o destinado aos alunos (apêndice 6), que dizia respeito à avaliação da experiência no *Impressão* após a formação em jornalismo.

Quando perguntados sobre a avaliação que faziam em relação às orientações recebidas para a redação/edição das matérias do *Impressão*, do total de 45 questionários, 95% responderam positivamente. O ex-aluno Christiano Senna participou das reuniões de pauta e redigiu matérias para o jornal *Impressão* desde o primeiro período de faculdade, e durante o quarto e o quinto período, redigia matérias e foi estagiário voluntário na diagramação do jornal. Para ele, “de forma geral as orientações foram boas, apesar das dificuldades enfrentadas por causa da falta de experiência dos monitores. Mas, isso é muitas vezes contornado pelo desempenho dos professores responsáveis”.

Assim, a grande maioria dos alunos e ex-alunos elogiam as orientações recebidas pelos monitores e professores do jornal laboratório, como é o caso da ex-aluna Maria Rita Thomaz, que foi editora de texto e redatora do *Impressão*. Ela afirma que as orientações são “a melhor escola jornalística, e foram infinitamente mais proveitosas do que assistir apenas às aulas”.

Para a atual estagiária de diagramação do jornal, Vanessa Calvo, “deveria ser feita uma cobrança maior dos alunos na produção das matérias, de modo a evitar plágio, que já aconteceu e fez com que matérias que iam entrar no jornal caíssem”. Já para o aluno Pedro Côrrea, autor da reportagem “Iniciativa legal para desafogar o trânsito”, publicada na edição 181 do *Impressão* e que teve chamada na capa do jornal, “a edição deixa um pouco a desejar, pois temos que ficar “em cima” dos

<sup>8</sup>Foram entrevistados 10% do total de alunos do curso de jornalismo do Uni-BH.

editores para que eles não deixem de fora algum aspecto que julgamos importante na matéria”.

Indagada a respeito do funcionamento do jornal, a ex-aluna Velise Maciel, que trabalhou como editora de texto de junho de 2002 a junho de 2003 no jornal laboratório, disse que “certamente foi minha grande escola dentro da faculdade. Acho que o *Impressão* não poderia funcionar na época de uma maneira melhor, pois, era muito aberto e receptivo a todos os alunos, desde o primeiro período”.

O ex-aluno Orozimbo Machado, monitor de diagramação do jornal durante o ano de 2004, afirmou que só teve noção do que é o jornalismo de fato após o contato com os professores orientadores do *Impressão*. Mariana Medrano, atual estagiária e monitora de texto, reforçou que “se tivéssemos mais alunos do jornalismo colaborando com comprometimento, e se não fosse pela infraestrutura precária, teríamos um desempenho melhor e produziríamos mais”.

Os 45 alunos e ex-alunos também foram questionados a respeito do papel do *Impressão* no aprendizado das técnicas de jornalismo. Todas as opiniões colhidas foram positivas. Natália Vilaça, que foi estagiária do jornal de fevereiro de 2007 a novembro de 2008, respondeu que “a vivência diária dentro de um jornal, mesmo que laboratório, é de grande valia para o aluno que sabe aproveitar tal oportunidade. É lá que podemos ousar e errar sem medo e, acima de tudo, é lá que aprendemos como o jornalismo funciona na prática”.

Para Leandro Diniz, também já graduado em jornalismo, o *Impressão* “cumpre o importante papel de por em prática tudo o que aprendemos na sala de aula. De fato, era ali que, durante a faculdade, mais pude estar em contato direto com as técnicas do jornalismo”; O aluno Lucas Alvarenga, que cursa o 6º período de jornalismo e é colaborador do jornal desde o 1º, respondeu que “o *Impressão* é espaço de experimentação. E, ao experimentar, o aluno aprende. Quem espera do jornal laboratório um espaço para imitação do que é realizado no mercado comercial, não conseguirá assimilar tudo que ele oferece. E este laboratório é, sem dúvida, o mais importante para o aluno de Jornalismo do Uni-BH, por ter preocupação não só com o conteúdo, mas também com a forma”.

O aluno Júlio Vieira, autor da reportagem “Aumenta a contratação de seguranças em BH”, publicada na edição 178 e produzida durante a

disciplina Edição Jornalística, avalia que “pude colocar em prática durante a produção da matéria para o *Impressão*, entre outros conceitos aprendidos em aulas teóricas, os critérios de noticiabilidade, o que é relevante para a população, apuração bem feita, hierarquização da notícia, qualidade do texto e relacionamento com as fontes, por exemplo”. A aluna Joana Soares, que foi estagiária voluntária do jornal durante o quinto período, completa: “pude aplicar a teoria e os fundamentos aprendidos em sala de aula na experiência que tive no Jornal *Impressão*”.

Desse modo, observa-se que, em geral, a grande maioria dos alunos e ex-alunos do curso de jornalismo do Uni-BH e que participaram do *Impressão*, seja como estagiários, monitores ou colaboradores, avaliam de maneira positiva o jornal, tanto a edição, o seu funcionamento e a sua utilização como ferramenta de aplicação da teoria apreendida em sala de aula.

## Conclusão

Com 27 anos de existência, o *Impressão*, jornal laboratório do Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH), já passou por diversas mudanças, tanto no projeto gráfico quanto em seu conteúdo. Na versão atual, formato tablóide, o veículo não possui linha editorial fixa, já que as edições (duas por semestre) são produzidas por alunos do quinto período, que têm flexibilidade e autonomia na escolha dos temas a serem abordados, recebendo apenas orientações do professor coordenador e responsável pelo jornal, Fabrício Marques, durante a produção e apuração das matérias. No laboratório do *Impressão*, uma equipe de cinco estagiários e cinco monitores realiza a edição, a diagramação e a edição final do jornal, com supervisão de três professores.

Desse modo, para analisar se o jornal laboratório do Uni-BH pode ou não ser considerado um instrumento para a aprendizagem da prática e dos critérios jornalísticos, principal objetivo da pesquisa, foi preciso verificar o tipo e o conteúdo das matérias do jornal, os critérios de noticiabilidade presentes, a utilização das fontes nas reportagens, a rotina e estrutura de produção. Além disso, buscou-se, junto a alunos e ex-alunos que tiveram passagem pelo *Impressão*, opiniões sobre o veículo e sobre sua função.

Nesse sentido, a análise quantitativa indicou que o jornal prioriza a utilização de reportagens, com quase 68% do conteúdo das cinco edições verificadas composto por tal gênero. Devido à periodicidade do jornal, já era esperado que houvesse número maior de reportagens em detrimento da utilização de notícias. Entretanto, os gêneros crônica, ensaio, entrevistas e críticas também foram pouco utilizados, geralmente com uma contagem por edição. Esse número poderia ser elevado, de modo a estimular os estudantes a praticarem outros gêneros jornalísticos que não a reportagem.

Com relação à análise dos critérios de noticiabilidade utilizados no *Impressão*, percebeu-se que os menos utilizados eram os que mais dependiam de um jornal factual, com alta periodicidade, o que não é o caso do jornal laboratório. Critérios importantes, como significância, atualidade, relevância e proximidade, entretanto, são os mais presentes, o que demonstra que os alunos utilizam importantes conceitos jornalísticos para a escolha das pautas e produção das matérias.

Uma constatação significativa diz respeito à utilização das fontes no jornal. Verificou-se que, do total de 283 fontes utilizadas nas matérias do gênero informativo, 7% foram oficiais e pouco mais de 30% eram fontes especializadas, o que demonstra grande utilização (62%) de apenas personagens; de onde se conclui que grande parte das matérias não possui posicionamento de fontes oficiais ou especializadas, ou de nenhuma das duas, o que pode comprometer a legitimidade da informação, já que o leitor só recebe um lado da informação.

Desse modo, torna-se necessário que os alunos tomem essa consciência e sejam orientados pelo professor responsável a tentar utilizar, em cada matéria, pelo menos uma fonte oficial ou especializada, além do personagem. Afinal, a sua não utilização também pode comprometer o próprio aprendizado, uma vez que entrevistar fontes oficiais é prática constante da atividade do jornalista no dia a dia das redações. Fazê-lo no jornal laboratório possibilita ao aluno aprender a ter postura adequada, além de adquirir mais segurança em função da experiência acumulada.

Quanto à análise da edição do jornal *Impressão*, os títulos, bigodes, os *leads*, as retrancas, boxes e os infográficos são bem utilizados, mas há poucos recursos gráficos mais complexos, como artes. Em geral, o que se observa são quadros contendo números e dados.

Por outro lado, percebe-se que o veículo possui caráter experimental, uma vez que o jornal laboratorial deve ter a liberdade de não ter padrões definidos. Os *leads* mais informais e literários, os dossiês e especiais que são feitos no jornal laboratório do Uni-BH e até mesmo o fato de as fotos serem feitas por alunos mostram que o caráter de experimentação está presente no veículo e é incentivado pelo professor coordenador do jornal, Fabrício Marques. Além disso, o *Impressão* é totalmente produzido pelos alunos, e o papel dos professores é somente orientar e supervisionar a atividade desenvolvida no laboratório.

No que tange à distribuição do jornal, a recomendação é que ela seja, de preferência, feita pelos próprios alunos, de modo a possibilitar que eles tenham contato direto com seus leitores. No *Impressão*, os alunos não distribuem o jornal, que é depositado em estantes e mesas em pontos estratégicos do Uni-BH. Uma mudança nesses padrões permitiria receber *feedbacks* sobre a edição, além de ter uma visão mais abrangente da opinião dos leitores.

Por fim, ao verificar, por meio de entrevistas com 45 alunos e ex-

alunos, se o *Impressão* de fato funciona como uma ferramenta de aprendizagem dos critérios e da prática jornalística, todos foram veementes ao responder que enxergam o veículo como uma excelente ferramenta para o curso de jornalismo, e a grande maioria chega a afirmar que aprendeu muito mais participando do jornal laboratório do que aprenderiam apenas em sala de aula, se não tivessem a oportunidade de aplicar o conhecimento.

Desse modo, observa-se que, em geral, a grande maioria dos alunos e ex-alunos do curso de jornalismo do Uni-BH e que participaram do *Impressão*, seja como estagiários, monitores ou colaboradores, avaliam de maneira positiva o jornal, tanto a edição, o seu funcionamento e a sua utilização como ferramenta de aplicação da teoria apreendida em sala de aula. Além disso, com a análise de outros aspectos físicos do jornal, é possível afirmar que, embora algumas melhorias possam ser feitas, como a utilização de fontes especializadas e oficiais e a distribuição pelos alunos, por exemplo, o jornal laboratório do Uni-BH, *Impressão*, é hoje uma ferramenta que os estudantes de jornalismo têm para a aplicação prática dos conceitos aprendidos em sala de aula.

É importante ressaltar que os resultados obtidos nesta pesquisa se referem apenas ao jornal laboratório *Impressão*, do Centro Universitário de Belo Horizonte, não podendo ser aplicados aos demais jornais laboratórios de outras faculdades e universidades.

## Bibliografia

- ADAM, G. Stuart. *The Education of Journalists*. In: *Journalism: Theory, Practice and Criticism*, vol. 2, 2001
- COTTA, Pery. *Jornalismo: Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: Rubio, 2005.
- ERBOLATO, Mário. *Técnicas de codificação em jornalismo*. São Paulo: Ática, 2008.
- GENTILI, Victor. *Observatório da Imprensa – jornal dos debates*. São Paulo: 1998.
- KIMURA, Mônica. *Perfil do jornal-laboratório nos cursos de Jornalismo do Estado de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP/ECA, 2006.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Elementos do Jornalismo*. O que os jornalistas devem saber e o público exigir. Tradução Wladir Dupont. São Paulo: Geração Editorial, 2004.
- LAGE, Nilson. *Teoria e técnica do texto jornalístico*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- LOPES, Dirceu et all. *Edição em jornalismo impresso*. São Paulo: Edicon, 1998.
- LOPES, Dirceu Fernandes. *Jornal Laboratório – Do exercício escolar ao compromisso com o público leitor*. São Paulo: Summus, 1989.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e jornalismo: A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2000.
- MEDITSCH, Eduardo. *Crescer para os lados ou crescer para cima: o dilema histórico do campo acadêmico do jornalismo*. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/meditsch-eduardo-dilema-historico-jornalismo.pdf>. Acesso em 17/08/2010.
- MELO, José Marques de. *Diretrizes para um jornal-laboratório*. São Paulo: Escola de Comunicações Culturais/USP, 1967.

- MELO, José Marques de. *O ensino de jornalismo*. São Paulo: Escola de Comunicações Culturais/USP, 1972.
- MELO, José Marques de. Laboratórios de jornalismo: Conceitos e Preconceitos. *Cadernos de Jornalismo e Editoração*, São Paulo, n.14, Departamento de Jornalismo e Editoração, ECA/USP, 1984.
- NUZZI, Erasmo de Freitas. In: *Revista acadêmica do programa de pós-graduação da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero*. São Paulo: Cásper Líbero, 1998.
- PENA, Felipe. *Teoria do jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.
- PETRARCA, Fernanda. *As condições sociais de emergência e desenvolvimento do jornalismo no Brasil*. Disponível em: <http://sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/resumod.php?id=337>. Acesso em 17/08/2010.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. “O acontecimento”, em TRAQUINA, Nelson (Org.): *Jornalismo, questões, teorias e histórias*, 1999.
- SOUSA, Jorge Pedro. *Elementos de Jornalismo Impresso*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.
- SOUSA, Jorge Pedro. *Teorias da notícia e do jornalismo*. Chapecó: Argos, 2002.
- TRAQUINA, Nelson. “As notícias”, em TRAQUINA Nelson (Org.): *Jornalismo, questões, teorias e histórias*, 1999.
- VIEIRA JÚNIOR, Antônio. *Uma pedagogia para o jornal laboratório*. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2002.
- WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença, 2002.

**Apêndices**

APÊNDICE 1 – Tabela 1 - Gêneros Informativos

Edição	Gêneros Informativos									
	Editorial	Artigo	Crônica	Seção	Notícia	Reportagem	Ensaio	Entrevista	Nota	Crítica
176	1	-	1	-	2	14	1	1	-	1
177	1	-	1	-	1	13	1	1	-	2
178	1	-	1	-	3	15	1	1	-	-
179	1	-	2	-	-	18	1	1	-	-
180	1	-	-	-	1	14	1	2	-	4
	5	-	5	-	7	74	5	6	-	7

APÊNDICE 2 – Tabela 2 – Critérios de Noticiabilidade

Critérios informativos	Edição	Proximidade			Atualidade	Significância	Proeminência	Impacto sobre a nação	Imprévisibilidade	Continuidade	Negatividade	Relevância
		Cidade	Univers.	Entorno								
R ep. 1	176	X	-	-	-	X	-	-	-	-	X	X
	177	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	X
	178	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
	179	X	-	-	X	X	X	X	X	-	X	X
	180	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
R ep. 2	176	X	-	-	X	X	-	-	-	-	-	X
	177	X	-	-	-	X	-	-	-	-	-	X
	178	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
	179	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	X
	180	-	-	-	X	X	X	-	-	-	-	X
R ep. 3	176	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
	177	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	X
	178	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	X
	179	X	-	-	X	X	-	-	-	-	X	X
	180	-	-	-	X	X	X	X	-	-	-	X
R ep. 4	176	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	X
	177	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
	178	X	-	-	X	X	-	-	-	-	-	X
	179	-	-	-	X	X	X	X	-	X	-	X
	180	-	-	-	X	X	-	X	-	-	X	X
R ep. 5	176	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
	177	-	-	-	-	X	-	X	-	-	-	X
	178	X	-	-	-	X	-	X	-	-	-	X
	179	-	-	-	X	X	-	X	-	-	X	X
	180	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	X
R ep. 6	176	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
	177	-	-	-	-	X	-	X	-	-	-	X
	178	X	-	-	-	-	-	X	-	-	-	X
	179	-	-	-	X	X	-	X	-	-	X	X
	180	-	-	-	X	X	-	X	-	-	X	X
R ep. 7	176	X	-	-	-	X	-	X	-	-	-	-
	177	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-
	178	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	179	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	180	-	-	-	X	X	-	X	-	-	X	X
R ep. 8	176	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	177	X	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-
	178	X	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
	179	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
	180	-	-	-	X	X	-	X	-	-	X	X
R ep. 9	176	X	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
	177	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-
	178	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	179	X	-	-	X	-	-	-	X	-	-	-
	180	-	-	-	X	X	-	X	-	-	X	X
R ep. 10	176	X	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
	177	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
	178	-	-	-	X	X	-	-	-	-	X	X
	179	X	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-
	180	-	-	-	X	X	-	X	-	-	X	X
R ep. 11	176	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
	177	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	178	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-
	179	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-
	180	-	-	-	X	X	-	X	-	-	X	X
R ep. 12	176	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	177	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
	178	X	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
	179	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	X
	180	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-
R ep. 13	176	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
	177	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	178	X	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
	179	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
	180	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
R ep. 14	176	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	177	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
	178	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-
	179	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	180	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
R ep. 15	178	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
R ep. 16	179	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	
R ep. 17	179	X	-	-	X	X	-	-	-	-	X	
R ep. 18	179	X	-	-	-	-	-	-	-	-	X	
Not. 1	176	-	X	-	X	-	-	-	-	-	-	X
	177	-	X	-	X	X	-	-	-	-	-	X
	178	-	X	-	X	X	-	-	-	-	-	X
Not. 2	176	X	-	-	X	X	-	-	-	-	-	X
	178	X	-	-	X	X	-	-	-	-	-	X
	179	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	X
Not. 3	176	X	-	-	X	X	-	-	-	-	-	X
	178	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
	179	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	X
Ent. 1	176	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	177	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	178	X	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-
Ent. 2	179	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	X
	180	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	X
	180	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X

APÊNDICE 3 – Tabela 3 - Fontes

	Fonte Oficial					Personagem					Fonte Especializada				
	176	177	178	179	180	176	177	178	179	180	176	177	178	179	180
Rep.1	3	1	-	3	-	8	1	1	5	2	-	1	-	-	1
Rep.2	1	-	-	-	-	1	2	1	5	-	-	1	1	6	1
Rep.3	-	-	-	1	2	3	3	-	2	-	1	1	3	-	2
Rep.4	-	-	-	-	-	1	1	-	2	1	-	2	1	2	1
Rep.5	-	-	-	1	-	2	7	1	-	-	-	1	2	4	1
Rep.6	-	-	-	1	-	1	3	1	3	4	-	1	-	1	1
Rep.7	2	-	-	-	-	1	2	3	3	4	-	1	-	1	1
Rep.8	-	-	-	1	-	1	3	2	-	4	-	1	-	1	2
Rep.9	-	-	-	-	-	1	2	-	1	5	-	-	1	1	1
Rep.10	-	-	-	-	-	4	3	1	3	2	-	1	2	1	3
Rep.11	-	-	-	-	-	2	4	2	2	4	1	1	2	3	2
Rep.12	-	-	-	-	-	1	5	-	1	-	3	-	2	-	3
Rep.13	-	-	-	-	-	1	4	3	1	1	-	-	-	2	1
Rep.14	-	-	-	2	-	1	3	3	2	-	2	-	1	1	2
Rep.15	-	-	-	-	-	-	-	3	3	-	-	-	2	2	-
Rep.16	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	2	-
Rep.17	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-
Rep.18	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-
Not.1	-	-	1	-	-	2	3	1	-	1	-	-	1	-	1
Not.2	-	-	-	-	-	1	-	2	-	-	-	-	-	-	-
Not.3	-	-	2	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Ent.1	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-	-	-	-	-	1
Ent.2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13	-	-	-	-	-

#### **APÊNDICE 4 – Entrevista com o professor coordenador do *Impressão***

Entrevista feita no dia 14/10/2010 com o professor coordenador do jornal laboratório *Impressão* e professor do Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH), Fabrício Marques.

Há quanto tempo o senhor está na coordenação do *Impressão*?

**Fabrício:** Há dez anos.

Como funciona a rotina de produção do jornal *Impressão*?

**Fabrício:** Varia muito. Atualmente, estamos com uma equipe de cinco estagiários e cinco monitores. Antigamente, tínhamos quatro edições por semestre, e agora temos duas. Hoje, o formato do *Impressão* é tablóide, e antes era *standart*, até 2008. Então, uma edição é reservada para o quinto período da manhã, que produz as matérias durante a disciplina de Edição Jornalística, da qual sou professor, e a outra é inteiramente produzida pelos alunos do quinto período noite. O intervalo entre a publicação de cada edição é de um a dois meses. O processo começa quando, na minha disciplina, fazemos uma reunião de pauta para decidir o que será abordado no jornal laboratório. Antes dessa reunião eu incentivo os alunos a buscarem temas interessantes. Em seguida, fazemos uma votação para decidir se a edição será temática ou livre. Após a produção das matérias, os alunos as entregam, e a equipe do jornal faz uma reunião de pauta para dividir funções, planejar a diagramação e outros detalhes. O caderno principal do jornal tem 16 páginas, e o *Dois* tem 12.

Quem faz a edição das matérias?

**Fabrício:** São os monitores que editam as matérias do jornal, supervisionados por mim. Tudo passa por mim também.

E a edição final?

**Fabrício:** Todo o processo do jornal laboratório funciona dessa maneira, a equipe é quem faz o trabalho e eu apenas supervisiono e oriento. Por exemplo, a próxima edição que estamos produzindo está sendo fechada, então estamos todos revendo tudo juntos, cada detalhe.

O senhor acha que o *Impressão* possui caráter de experimentação?

**Fabício:** Acho que o jornal tem esse caráter sim, mas é claro que existem muitos filtros, então a experimentação acaba ficando limitada. É o que a gente fala: até a criatividade tem limites. Temos alguns limites que a própria atividade jornalística e os prazos nos impõem, e até mesmo o fato de os próprios alunos estarem aprendendo, de a ferramenta ser de aprendizado. Mas a próxima edição, que estamos fechando, terá caráter bem experimental: os alunos resolveram fazer, na mesma edição, as matérias “normais” e suas respectivas versões sensacionalistas. Então, o *Impressão* terá oito páginas de matérias tradicionais e oito sensacionalistas. É bem experimental. Estou aqui há dez anos, e a gente teve muitas edições bem tradicionais e muitas diferentes. A experimentação entra nas pautas, nas fontes que você procura, entre outros. Tivemos uma versão do jornal, por exemplo, no qual utilizamos só fontes que não são geralmente procuradas: moradores de rua, prostitutas, entre outros. Não é algo tradicional e nem cotidiano. Foi uma experimentação. É uma dificuldade, porque eu posso, pela minha experiência, tentar pautas diferentes, mas como o aluno que escolhe, a maioria deles já está viciada, e aí, normalmente aparecem poucas pautas diferentes. O aluno busca pautas mais simples. Temos limitações do processo pedagógico e outras. Mas, o caráter experimental é sempre procurado.

O jornal *Impressão* recebeu diversos prêmios. Quais foram?

**Fabício:** Em 2001, recebemos o prêmio Ministério do Meio Ambiente Docol de Jornalismo Reportagem. O *Impressão* ficou em 1º lugar na Categoria Jornal Acadêmico pela reportagem: “A água por um fio”. Em 2003, tivemos o 2º lugar na categoria Jornal Laboratório, no 10º Expocom, e também o 2º lugar como Jornal Acadêmico no prêmio Ministério do Meio Ambiente Docol de Jornalismo, com a reportagem: “O planeta água busca um futuro”.

Em 2005, recebemos o 1º lugar no Prêmio Feam (Fundação Estadual do Meio Ambiente) para jornais laboratórios com a matéria “O insuportável peso do lixo”, e também o 3º lugar na mesma premiação pela reportagem “Desperdício na cidade”. No mesmo ano, o *Impressão* recebeu menção honrosa na categoria Foto Jornalística, com a foto “Inocente leveza”, durante o 12º Expocom, e o 1º lugar no prêmio Crea-MG

de Jornalismo, categoria Estudante, com a reportagem: “A heróica luta de poucos”, publicada no jornal Hoje em Dia.

Em 2006, a reportagem: “Osteoporose atinge homens mais velhos” ficou em 1º lugar no prêmio Wyeth de Jornalismo, categoria “universitários”, e tivemos ainda o 1º lugar no prêmio BNB de Jornalismo 2005, na categoria Universitário Minas Gerais, com a reportagem “Pequenos negócios, grandes idéias”. Em 2007, ficamos também em primeiro lugar no prêmio Senai de Reportagem 2007, categoria Especial Universitário, com a matéria: “Injeção de vida na maioria”. No mesmo ano, recebemos o “Prêmio PQN de Ouro”, na categoria “Melhor Jornal Revista” do Curso de Comunicação.

Em 2008, obtivemos o 2º lugar no prêmio ESMPU de Jornalismo Universitário (Escola Superior do Ministério Público), com a reportagem: “De olho no abuso”, e tivemos uma premiação especial no “XXV Prêmio Direitos Humanos de Jornalismo”, com o caderno especial: “Direitos de papel”. Por fim, em 2009 fomos o 1º lugar na categoria “Jornal Laboratorial Impresso” durante o 32º Expocom.

**APÊNDICE 5 – Questionário para resposta de ex-alunos de jornalismo do Uni-BH**

Nome Completo:

Telefone e email:

Período em que estudou no Uni-BH:

1. Em que período você escreveu ou participou do jornal *Impressão*? Exercendo quais atividades?
2. Cite pelo menos um tema de matéria que você escreveu/editou no *Impressão* e o porquê da escolha desse tema.
3. Como você avalia as orientações recebidas para a redação/edição das matérias do *Impressão*?
4. Como você avalia a edição da(s) matéria(s)?
5. Como você avalia seu nível de dificuldade na elaboração/edição do texto? Justifique.
6. Qual é a sua opinião sobre o funcionamento do jornal *Impressão*? Justifique.
7. Qual é a sua opinião em relação ao papel do *Impressão* no aprendizado das técnicas de jornalismo?
8. Qual é sua avaliação do jornal *Impressão*? (Formato, layout, conteúdo, etc) Justifique.
9. Como você avalia seu nível de aprendizado do processo de edição e de edição final do *Impressão*? Justifique.
10. Você acredita que a sua participação no jornal *Impressão* auxiliou durante e pós sua formação em jornalismo? Justifique.
11. Você enxerga o jornal *Impressão* como uma ferramenta para aplicação dos critérios e elementos jornalísticos apreendidos em sala de aula? Justifique.

**APÊNDICE 6 - Questionário para resposta de alunos de jornalismo do Uni-BH**

Nome Completo:

Telefone e email:

Período:

1. Em que período você escreveu ou participou do jornal *Impressão*? Exercendo quais atividades?
2. Cite pelo menos um tema de matéria que você escreveu/editou no *Impressão* e o porquê da escolha desse tema?
3. Como você avalia as orientações recebidas para a redação/edição das matérias do *Impressão*?
4. Como você avalia a edição da(s) matéria(s)?
5. Como você avalia seu nível de dificuldade na elaboração/edição do texto? Justifique.
6. Qual é a sua opinião sobre o funcionamento do jornal *Impressão*? Justifique.
7. Qual é a sua opinião em relação ao papel do *Impressão* no aprendizado das técnicas de jornalismo?
8. Qual é sua avaliação do jornal *Impressão*? (Formato, layout, conteúdo, etc) Justifique.
9. Como você avalia seu nível de aprendizado do processo de edição e de edição final do *Impressão*? Justifique.
10. Você acredita que a sua participação no jornal *Impressão* auxilia sua formação em jornalismo? Justifique.
11. Você enxerga o jornal *Impressão* como uma ferramenta para aplicação dos critérios e elementos jornalísticos apreendidos em sala de aula? Justifique.

Anexos

ANEXO 1 – Capa Impressão Edição 176



## ANEXO 2 – Capa Imprensa Edição 177



ANEXO 3 – Capa Impressão Edição 178



ANEXO 4 – Capa *Impressão* Edição 179

**IMPRESSÃO**  
Jornal Laboratório do Curso de Comunicação Social do Uni-BH  
Ano 27 • Número 179 • Fevereiro de 2010 • Belo Horizonte/MG  
Distribuição gratuita

**DO!S**  
A peça Mineiros em Férias e garantia de público

**TEATRO I**  
**Alta bilheteria e longas temporadas**  
Algumas peças teatrais estão há mais de dez anos em cartaz e ainda são sucesso de público. Em Belo Horizonte, as peças *Acordar*, *Um Espinho Baixo Em Mim* e *Feraz! Mineiros Em Férias* são exemplos de espetáculos bem-sucedidos. **Página 2**

**TEATRO II**  
**Pelos bastidores do CTP**  
Localizado na antiga Vila Operária de Marzagão, o Centro Técnico de Produção – CTP é que dá vida aos materiais que serão utilizados nos espetáculos produzidos pelo Palácio das Artes. **Página 11**

**Você paga o desperdício**  
Quatro horas da tarde: luzes acesas em pleno dia no Viaduto Santa Tereza, no centro de BH  
**Gasto excessivo de água e luz é pago pelo consumidor**  
Em uma breve caminhada pelas ruas da capital mineira constatou-se o mau uso dos recursos naturais mais utilizados no dia-a-dia. Embora a população também tenha alguma parcela de culpa, a administração pública deixa a desejar na função de fiscalizar os locais que apresentam esse problema. **Página 3**

**ENTREVISTAS**  
**Bob Fernandes**  
“ Não tenho nenhum preconceito contra as novas tecnologias e o seu uso pela imprensa ”  
**Página 16**

**Marcelo Tas**  
“ O brasileiro tem atitude diante das novidades, principalmente, tecnológicas. Bem diferente de outras culturas ”  
**Página 15**

**ESTÁGIO**  
**Para ficar por dentro da nova Lei**  
Passado um ano desde que entrou em vigor - setembro de 2008 - muitos estudantes descobrem as mais recentes medidas adotadas. Empresas alegam que o número de vagas para estagiários caiu, porém houve aumento na contratação de profissionais já graduados. **Página 4**

**CLIMA**  
**Mais próximo do que você pensa**  
Efeto estufa, desaparecimento de cidades, aumento da temperatura da Terra, esses e outros fenômenos não existem só nas páginas das revistas e jornais. Já são uma incômoda realidade - e isso precisa mudar. **Páginas 8 e 9**

ANEXO 5 – Capa Imprensa Edição 180

# IMPRESSÃO

Jornal Laboratório do Curso de Comunicação Social da Uni-BH

Ano 28 • número 180 • Junho de 2010 • Belo Horizonte/MG Distribuição gratuita

**Dossiê**  
**7 pecados**

Especialistas tentam entender por que o stress da vida moderna intensifica atitudes como soberba, luxúria, ira, preguiça, avareza, gula e inveja, os "pecados capitais". Confira relatos de quem lida com esses sentimentos.

**ESPECIAL PÁGINAS 10 a 16**

**Política**  
**"Marqueteiros" e as eleições**

Essenciais para eleger um candidato, marqueteiros têm como desafio desenvolver um plano estratégico que esteja de acordo com os ideais que o público espera. Mas nem sempre a imagem dos políticos reflete a realidade, dizem especialistas como Gaudêncio Torquato. **Páginas 3 e 4**

**Entrevista**  
**Várias mídias, vários públicos**

"Acho que vai ser todo tipo de público para todo tipo de veículo de comunicação", diz a autora de treinamento da Folha de S. Paulo, Ana Estela de Souza Pinto, a respeito do leitor do futuro. **Página 5**

## A Copa que ninguém vê

**COM A PALAVRA, A IMPRENSA**  
O Imprensa fez um bate-bola com jornalistas que vão à Copa da África. Confira alguns trechos

**"Uma Copa do Mundo exige uma mobilização nacional. Os governos devem trabalhar visando um mesmo objetivo."**  
*Rogério Correa*

**"Não é a seleção brasileira, argentina ou inglesa que vão ganhar com a Copa, e sim o cidadão daquele país."**  
*Lécia Carmona*

**"Gastar acima do normal é um costume dos governantes brasileiros que aproveitam oportunidades como essa para ganhar dinheiro."**  
*Chico Maia*

A Copa do Mundo começa no dia 11 de junho na África do Sul. O país sede se prepara para receber o evento e, a alguns dias de seu início, toda a atenção está voltada para as equipes participantes. Contudo, pouco destaque se dá para os contratempos políticos e econômicos. E já pensando na próxima Copa, despendemos o que não estamos nos planos da África e que pode se repetir em 2014. **Páginas 7 a 9**

**DOIS**

**Literatura**  
**Toque de letras e de futebol**

O esporte sai das quatro linhas do campo e invade os livros, sob o olhar de escritores apaixonados pelo futebol. **Páginas 2 e 3**

**Literatura**  
**Animais do universo de Rosa**

A paixão pelos bichos inspira colunas de frases de Guimarães Rosa reunidas no livro "Zoi". **Páginas 4 e 5**



Ensaio fotográfico destaca a religiosidade da Festa do Senhor do Bonfim, em Bahia

ANEXO 6 – Capa Caderno *Dois* Edição 179



ANEXO 8 – Matéria Edição 176 – “Problema Coletivo”



Passageiros de ônibus da capital reclamam da má qualidade dos veículos e do tempo de espera. Aumento de frota, previsto no novo edital, beneficia apenas um terço das linhas

**Alena Oliveira**  
 O mar de gente que circula nos corredores de Belo Horizonte todos os dias sofre com a baixa oferta de veículos. No horário de pico, que vai das 17h às 19h, a situação se complica ainda mais. De acordo com a Empresa de Transportes e Tráfego de Belo Horizonte (BHTrans), mais de 1 milhão de passageiros são transportados todos os dias nas 302 linhas que percorrem toda a capital. Mas o número de ônibus disponíveis parece não dar conta de tantos usuários.

A reportagem acompanhou uma viagem da linha 9412 (Padre Eustáquio/Tequari) e constatou que a situação é preocupante. Mais de 150 pessoas são transportadas por hora na linha, que adere ônibus de 15 em 15 minutos durante o dia e de 10 em 10 minutos nos horários de pico. “Dependa dessa linha para tudo. É impressionante como ela atrasa. Quando o coletivo chega, está lotado, não tem mais espaço”, reclama Paulo Roberto Martins, 51 anos, morador do bairro Tequari. A recepcionista Alessandra Vieira, 35 anos, também moradora do aglomerado, diz que o marido vai trabalhar de carro mesmo gastando mais porque, se fosse utilizar a linha, não teria como chegar no horário.

A opinião dos moradores do bairro Padre Eustáquio não é muito diferente. Segundo a aposentada Elza Martins, 72 anos, “os ônibus também sofrem. A parte reservada para eles no ônibus fica lotada. Fazemos a viagem toda em pé e corremos o risco de cair”. Para a estudante Cibele Rizzo, 20 anos, a não cumprimento dos horários também prejudica, pois assim não mais consegue esperar no ponto.

**Construção**  
 De acordo com os usuários, os veículos também não estão em bom estado de conservação. “Um ônibus já voltou para trás porque não conseguiu subir a morro. É difícil acreditar mas é verdade”, conta Juliana Cardoso, 17 anos, moradora do Tequari. “É um ônibus pior que o

meu. São honco quebrados, estofados rasgados. Não são todos os carros da linha. Logo, mas nós não merecemos pagar um ônibus desse para ir trabalhar”, reclama a vendedora Círcia Silva, 28 anos, do bairro Carlos Prates.

Para o motorista Ademir Gomes, 34 anos, que trabalha há 11 meses na linha, a quantidade de ônibus é suficiente para a demanda de passageiros. Já o condutor Reginaldo dos Reis Lima, 32 anos, considera que os passageiros merecem mais conforto, portanto, é preciso aumentar o número de viagens.

De acordo com a Via BH Coletivos, administradora da linha, os horários são feitos pela BHTrans e a empresa só compra o que foi estipulado pelo órgão da prefeitura. O fiscal José Gilvan Delfim, 33 anos, explica que os atrasos são gerados unicamente pelo trânsito de Belo Horizonte, e não pelo grande número de usuários. Ele acrescenta que a empresa não recebe reclamações desse tipo por parte dos passageiros. Quanto à qualidade da

frota, a empresa diz que o ano de fabricação dos carros atende às exigências do edital de concorrência pública.

**Residência**  
 Mas não são apenas os usuários do trecho Padre Eustáquio/Tequari que sofrem com o grande número de pessoas nos ônibus. A estudante Brisa Emanuele, 19 anos, precisa pagar todos os dias a linha 9402 (Nova Sclabora da Glória/São Bernardo) e reclama: “Têm ônibus de 5 em 5 minutos no horário da manhã e, mesmo assim, é impossível ter uma viagem tranquila. Durante todo o trajeto ele está cheio. Final de semana, então, pode deixar. Fazemos 30 minutos

esperando e sempre está lotado”. A empresa Viação Centaurofret é a responsável pela linha. Ela afirma que a BHTrans é quem gerencia a quantidade de ônibus que serão necessários para atender bem a população.

A linha 2104 (Nova Gammeira/Faculdade Milton Campos) resolveu, em parte, o problema da superlotação nos coletivos. “Percebemos que muitos passageiros pagavam o ônibus na facilidade e desembarcavam no centro. Resolvemos então colocar a disposição dos usuários carros que fazem somente o trajeto Faculdade Milton Campos/Centro. Assim houve uma redução significativa no número de usuários. Mas está longe

de ser a solução”, explica o motorista Paulo Roberto Sousa, 45 anos.

**Atualiza**  
 Uma das exigências do atual edital de concorrência pública para o transporte coletivo da capital estipula que o máximo admitido nos coletivos varia entre 5,5 e 7 pessoas em pé por metro quadrado, conforme a linha. De acordo com o novo edital, só poderão ser transportados 6 passageiros por metro quadrado. Segundo a BHTrans, desde novembro houve um aumento de 8% no número de veículos de 2.516 para 2.640. Porém, apenas um terço das linhas de Belo Horizonte foram beneficiadas.

**Número de Passageiros Transportados por Serviço (Média Mensal)**

	2003	2004	2005	2006	2007
Busão	1.803.219	1.548.421	1.564.070	1.717.928	1.865.788
Ônibus convencional	2.544.500	2.548.400	2.844.123	1.562.027	1.897.133
Ônibus articulados	131.445	136.145	208.821	263.086	258.379

**Sistema de Transporte Coletivo Convencional**

	2006	2005	2004	2003
Linhas em Operação	266	262	248	227
Flota em Operação	2813	2819	2621	2823
Flota em Operação por Empresa	48	48	48	45
Flota em Operação por Empresa (em %)	1,53	1,70	1,83	1,59
Flota em Operação por Empresa (em %)	1,325.788	1.366.034	1.387.474	1.453.917
Flota em Operação por Empresa (em %)	458,21	467,22	481,50	417,03
Flota em Operação por Empresa (em %)	89,08	89,61	86,09	87,22



### ANEXO 10 – Matéria Edição 180 – “Quando a primeira vez é inesquecível”

REPRESSÃO

BELO HORIZONTE, JUNHO DE 2010 7

Especial

LEONARDO RIBEIRO

# Quando a primeira vez é inesquecível

**África do Sul se prepara desde 2004 para ser a sede da primeira Copa da história do continente**

Carolina Fontenele  
Fernando Barreto  
Gabriela Araújo  
Leonardo Ribeiro  
REPORTAGEM

No dia 15 de maio de 2004, a África do Sul derrotou Marrocos por 14 a 0, em uma disputa fora de campo, e ganhou o direito de sediar a Copa do Mundo de 2010. Assim como aconteceu com o Brasil recentemente, a reação inicial dos sul-africanos foi de euforia misturada por receio: um dos principais eventos esportivos do mundo. Desde o anúncio inicial, começaram os trabalhos. O projeto apresentado à Federação Internacional de Futebol (FIFA) no candidato recheia os principais desafios do país na realização do mundial. No entanto, foi somente após a decisão final da entidade maior do futebol que a Copa do continente africano passou de sonho a realidade.

A Copa da África do Sul será a primeira a ser realizada no continente africano. Para o presidente da FIFA, Joseph S. Blatter em entrevista ao site da federação, “a Copa do Mundo será um sucesso”. E sobre o legado para a África disse: “O nosso principal foco é o combate à pobreza, violência, desigualdade social, ao analfabetismo e também à problemática da saúde”.

Renee Pilleiro, especialista em marketing esportivo, caracteriza a realização do evento por África do Sul e Brasil como uma oportunidade de crescimento que vai além dos índices econômicos. “Os impactos são vários, principalmente nos campos e nos setores de transporte e hotelaria. Mas, além disso, há um impacto que poucas pessoas incluem que é a elevação da auto-estima do povo por promover um evento dessa magnitude”, comenta.

Em 30 de outubro de 2007, foi a vez de o Brasil conquistar o direito de sediar a Copa de 2014. O acordo pelo futebol fez toda a diferença na conquista. Para o governo brasileiro, essa é a oportunidade de dar um salto no processo de modernização e apresentar capacidade de organização, força econômica para captar investimentos, que podem transformar o país em um dos mais importantes destinos turísticos do mundo. Assim como a África do Sul na realização do evento, o Brasil pode tirar boas lições, a fim de evitar que os recursos gerados pelo evento se percam em razão de um planejamento mal feito e mal executado.

O comentarista esportivo Carlos Cruz destaca que o “jornal brasileiro” pode se tornar o maior problema na organização do evento. “No Brasil, quando ocorre dentro de pouco tempo, nos encontramos com o famoso colapso. Devido à importância do evento, há muita euforia que, em cima da hora, tudo pode se resol-

vido com palatáveis”.

A violência é uma das preocupações brasileiras. O Brasil ocupa a 83ª posição no Índice de Paz Global (Global Peace Index - GPI), estudo britânico que classifica 121 países de acordo com seu “grau de paz”. A Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp) levou ao governo um documento de providências operacionais para atuação de forças policiais em países desportivos, a fim de prevenir os problemas de segurança nos grandes eventos, já como preparação para a Copa.

O secretário de Estado de Esportes e da Juventude de Minas Gerais, Alberto Rodrigues, diz que a prioridade é garantir que o Brasil realmente está pronto para tal desafio, e o fato de ter suas prioridades acertadas pela Fifa, que teve o cuidado de analisar detalhadamente o Caderno de Exigências e de apresentá-lo. “O Brasil está em consideração ainda que muitos da Fifa procuram manter o status quo”.

Os Estados candidatos a sediar o evento, analisando criteriosamente sua infraestrutura viária, hoteleira, hospitais, de alimentação e de segurança pública. Além disso, todos os estados passaram por seguidas visitas de avaliação”, ressalta Alberto.

Além segundo o secretário, Belo Horizonte tem todas as condições de receber até mesmo a abertura do evento. “O governo do Estado criou o Núcleo e o Comitê de Gestão da Copa do Mundo e das Condições”, que têm por atribuição monitorar e garantir as ações decorrentes dos acordos firmados e articuladas com a Prefeitura de Belo Horizonte. Um dos aspectos mais importantes do acordo é a construção de novos estádios”, diz.

O Brasil terá oportunidade de criar importantes investimentos para seu desenvolvimento. Então, é um momento especial que pode ser aproveitado para construção de um legado que ficará para as futuras gerações de brasileiros, que de qualquer forma serão afetados para uma vida melhor.

© 2007 FIFA TM

Soccer City Stadium, palco da abertura e do encerramento da Copa

## Pensando no futuro: 2014



ANEXO 12 – Matéria Edição 180 – “Quando B.B. King vem à cidade”

**Crítica** EDITOR: RAFAEL EDUARDO RICHIA

# Quando B.B. King vem à cidade

**Luciana Cafaggi**



**Guilherma Reis** (17/09/2013)

Um jovem negro trabalhando em uma loja de que ficava em Ipra Bena, Mississippi. Um violão e uma plantação de algodão. Esse jovem americano não sentia em música, tudo o que tinha era apenas um covado apurado e o coração capaz de transformar sentimentos em notas. A música surgida antes como lamento do negro escravo parecia ter encontrado um representante genial: blues e BB King foram feitos um para o outro. O tal bluesman voltou ao Brasil com ar de despedida, mesmo o próprio músico dizendo que quer voltar. Os 84 anos de BB King não permitem grandes turnês e ele mesmo explica: “minhas pernas não estão boas, minhas costas também não, e a cabeça já não é a mesma”. O que não foi problema para o público que pôde ver o Blues Boy no dia 20 de março no Via Funchal, São Paulo. Além do talento musical que transborda do braço de sua eterna amada Lucille, BB King se encontra em total sintonia com o público. Nos momentos em que se poupa durante as músicas para descansar, conversava com a plateia, enaltecendo seus companheiros de banda, fazendo piadas e falando sobre sua própria vida, eram notícias seu respeito e sua simpatia com aqueles que reconheceram por tantos anos sua majestade. Como guitarrista BB King tem a característica de não usar finais ou exageros em seus solos e licks (frases na guitarra). “Minhas pernas não estão boas, minhas costas também não, e a cabeça já não mais a mesma” B.B. King

Por não ter estudado as escalas musicais, BB King aprendeu a flutuar como ninguém sobre o braço da guitarra. Com todos esses anos de carreira os dedos não têm a agilidade de antes, e, é verdade, Lucille não canta com a frequência que cantava antes, mas, quando BB King conversa com sua famosa guitarra usando poucas palavras, é fácil entender porque e res. Quem foi ao show teve a honra de ouvir canções que sofreram de influência para vários outros músicos, que vão do blues até o rock 'n'roll, de autoria de BB King ou de outros nomes do gênero, como Blind Lemon Jefferson em “See That My Grave Is Kept Clean” e “Key to the Highway”, de Charlie “Sugar” White. Outros sucessos não ficaram de fora, como “I Need You So”, “Ain’t No Queen in the World” e “The Thrill Is Gone” e “Rock Me Baby”, que fez o público levantar da cadeira e dançar literalmente. Quando o show terminou o bluesman ainda ficou alguns minutos no palco dando autógrafos e cumprimentando fãs, um até levou a guitarra para BB King autografar, mas o segurança não deixou. Alheza uma noite especial de blues e de provavelmente o adeus do astro.

O seu mais recente CD levou o nome de *Multiplan* no Grammy 2009 e apresenta discursos nunca antes ouvidos. Além de homenagem aos seus mais importantes aliados, Lonnie Johnson e Blind Lemon Jefferson.

## Bom e velho A-Ha

**Fábio Bastos** (17/09/2013)

Com o Chevrolet Hall completamente lotado, o A-Ha demonstrou que não perdeu o pique das grandes apresentações dos anos 80. A banda, que mantém a mesma formação durante todos esses anos, Morten Harket (voz), Magne Furuholmen (teclado) e Paul Waaktaar-Savoy (guitarra), já possui três álbuns de estúdio, sem falar nos registros ao vivo. Com esse material, não faltaram hits como “Crying in the Rain”, “Stay On These Roads”, “Early Morning”, “City Wild”, “The Sun Always Shines on TV”, “Hunting High and Low”, “Take On Me”. Essa última peça de despretensão pela público após a banda deixar o palco pela segunda vez. Mas é claro que eles não foram embora sem ela. Em tempos de excessos no quanto leva música na indústria cultural, fica difícil encontrar alguma nova banda que escreva canções honestas e verdadeiras como fez o trio norueguês. O que o apaixonado público heterossexual presenciou foi uma aula de bom gosto musical, arranjo complexo e vocais perfeitamente limpos e afinados. A plateia foi como um integrante extra para os músicos, cantando não somente os refrãos, mas até as finais melódicas foram seguidas sem fazer mais conhecidos. O show de luzes, aliado ao telão que ficava atrás da banda e transmitia imagens relacionadas às músicas, deu uma atmosfera muito nostálgica ao evento. Como já foi dito, o A-Ha não perdeu a presença que tinha há mais de duas décadas e não ficou para trás das bandas que ainda continuam na ativa. Pelo contrário, os noruegueses demonstraram mais coragem e competitividade do que os também veteranos de sua passagem pelo capital mineiro, para citar só um exemplo. Completando quase duas horas de espetáculo, o público, fiel até o fim da apresentação, deixou o Chevrolet Hall certamente saciado por um bom show, com uma ótima banda em fase perfeita e amadurecida. É claro que o trio não está mais na moda como há 20 anos e seu altívoo não empurra mais nas paradas de sucesso. Mas o grupo que foi o primeiro da Noruega a chegar às paradas da Billboard é um exemplo de que o pop pode ser muito bem escrito e executado, desta forma conseguindo se perpetuar. Em respeito ao pop/rock “agua com açúcar” enviado trado por si e às milhares de bandas que vivem de artores a cada dia com sua criatividade diadada, prefero um bom e velho (quase velho) A-Ha.



**Morten Harket**, vocalista da banda norueguesa, que lançou oito CDs em 24 anos